O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 5 DE AGOSTO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:286

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Conselheiro José Luciano.—A proposito.—Commissão Districtal.—Estrangeiro.—Noticiario. — Tribunal da comarca de Albergaria-a-Velha.—Folhetim: Os Crentes.—Carta de Lisboa. —Carta de Vagos.—Carta de Murtede.—Bibliotheca Historico-Politica.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

Conselheiro José Luciano

Retiramos toda a materia que reservavamos para o n.º de hoje, para darmos n'este logar o notavel discurso, proferido na sessão de 29 de julho na camara alta, pelo honrado e prestigioso chefe do partido progressista.

São tão elevadas, e tão eloquentes e tão conceituosas as palavras do illustre estadista, que dispensam qualquer referencia lisongeira. O seu elogio está feito por ellas proprias, e, transcrevendo-as, prestamos apenas um sincero preito de amor á justiça e um dever partidario que nos é summamente grato:

Sr. presidente, pedi a palavra para fazer uma declaração de voto.

Não tendo podido comparecer na commissão de fazenda, quando essa commissão se reuniu para apreciar o projecto em discussão, e sendo este assumpto de certo muito grave, entendi que não podia deixar passar o ensejo da sua discussão, sem dizer claramente a minha opinião a respeito do projecto. Se tivesse assistido á reunião da commissão de fazenda, em que se tratou d'este assumpto, teria assignado o parecer com declarações. Voto a generalidade do projecto, porque reconheço a necessidade que ha de augmentar as receitas publicas, necessidade obrigatoria, impreterivel e inadiavel, a fim de nos habilitarmos a honrar o nosso nome lá fóra. N'estas circumstancias, sr. presidente, e depois de termos lançado tão pesados tributos aos empregados publicos, que tão cruelmente foram feridos pela lei de 26 de fevereiro, do anno passado, é indispensavel e necessario pedir tambem augmento de sacrificios ás outras classes, e sobretudo áquellas que ultimamente mais beneficios teem recebido pela approvação das pautas das alfandegas. (*Apoiados*).

Portanto, sr. presidente, reconheço como legitimo principio o pedido de augmento da taxa da contribuição industrial, assim como reconheço em principio que o governo tinha obrigação de o propor ao parlamento, e este de o votar. Todavia, com o que não me conformo, é com a maneira porque o augmento é feito.

Sr. presidente, com a maxima franqueza, e sem reserva, digo a v. ex.ª e á camara que o governo procedeu regular e correctamente fazendo a revisão orçamental, e apresentando aos representantes do paiz um orçamento onde se fizeram largas reducções de despeza, dando assim uma demonstração clara e sincera de que deseja habilitar-se a ter direito de pedir novos sacrificios ao contribuinte, porque tinha feito nas despezas os córtes possiveis. N'estas circumstancias, não podia deixar de votar a generalidade do projecto, auxiliando assim o governo, como é do meu dever, visto ser necessario o augmento de receita, para se não repetir o espectaculo, que ainda ha pouco demos ao mundo, faltando á fé dos contratos, reduzindo os juros aos nossos credores.

Sobretudo, é preciso restaurar o credito publico, que é uma enormissima, uma grandissima força, e que nós perdemos desde 1890 para cá, por causas geraes que affectaram todas as nações, e não por nossa culpa. Mas hoje é preciso reconquistal-o a todo o custo. Para o fazer, sr. presidente, é inadiavel necessidade pagar escrupulosamente aos nossos credores, não protelando para ámanhã aquillo que devemos fazer hoje.

N'estes termos, sr. presidente, comprehende a camara que eu não podia deixar de votar a generalidade do projecto, embora discorde de algumas das suas disposições, o que não conduz a crear o menor embaraço nem a levantar a menor difficuldade ao governo, principalmente quando vejo que elle está empenhado na restauração das nossas finanças. Talvez me engane. Talvez algum dos meus amigos veja melhor a situação do que eu.

Mas, sr. presidente, a opinião publica bem ou mal torna responsavel os velhos partidos pela ruina da nação. *Foi uma gravissima injustiça*, mas a hora da reparação ha de chegar mais tarde ou mais cedo, e, emquanto ella não chega, devemos reconhecer a triste verdade e ter a coragem necessaria para a esperar com paciencia.

A verdade é esta.

Os velhos partidos passaram diante da nação por a ter levado á ruina em que se acha. Verdade ou falsidade, estes são os factos. E desde que isto é assim, é preciso que nos curvemos deante d'esta opinião, e que não levantemos por emquanto difficuldades á acção dos poderes para reorganisar as nossas finanças.

Eis-aqui, sr. presidente, a razão clara, franca e singela da politica que ha muito tempo tenho seguido.

Eu, sr. presidente, não tenho creado embaraços a nenhum governo; pelo contrario tenho prestado o meu concurso leal e desinteressado a todos os ministros das differentes situações. Uma unica cousa tenho pedido, e é que não persigam os meus correligionarios, e que façam uma politica mansa, tolerante e patriotica; por assim dizer, e que não acompanhem a sua acção reformadora com uma politica de reacção, de violencia, que obrigue os meus amigos a entrar n'um caminho que na presente occasião nos repugna. E' o unico pedido que tenho feito aos governos. De resto, tenho estado sempre á disposição dos ministerios desde 1890, e tenho cooperado com elles nas questões de fazenda e nas questões de ordem publica.

Se algum dia fiz politica, se algum dia entrei em terreno estranho a esto, é porque tenho sido arrastado por necessidade da defeza propria, por necessidade da defeza dos meus amigos; é porque tenho sido provocado.

Agora, porém, entendo que, é necessario substituir essa politica por uma politica de paz, por uma politica de benevolencia

Eu defendi-me como pude, mas, terminada a lucta eleitoral, depuz logo as armas de combate e offereci ao sr. presidente do conselho do governo passado todo o meu leal concurso para resolver a questão de fazenda. (*Apoiados.*)

A camara sabe como eu e os meus amigos procedemos n'esta tristissima conjunctura. Não foi por minha causa que o governo transacto caiu. N'estas circumstancias, vendo o governo actual sinceramente empenhado em resolver as enormes e graves difficuldades que elle não creou, mas encontrou, faltaria eu a todas as considerações que me impõe o amor do meu paiz, se me alliasse a qualquer resistencia que tivesse por fim arrancar as pastas das mãos dos actuaes ministros. Por mais afastado que fosse o nosso campo politico, por maiores que fossem as nossas divergencias partidaria, eu não podia nem devia associar-me a essa resistencia e provocar uma crise politica.

Havemos de ter tempo para liquidar as nossas responsabilidades partidarias. Haverá tempo para tudo.

Os srs. ministros sabem perfeitamente que não tenho com elles nenhum compromisso, absolutamente nenhum, excepto o que resulta da nossa conformidade de vistas de resolver a questão pendente, a questão financeira, que deve ser com urgencia resolvida no interesse de todos. Não tenho outro compromisso.

Eu e os meus amigos, ámanhã, quando nos parecer, podemos quebrar as nossas relações publicas com o governo; não as temos secretas nem mysteriosas; e quebram-se no momento em que as nossas divergencias sobre questões de administração sejam fundamentaes. Chegado esse momento, retiraremos ao governo toda a nossa benevolencia.

Estas explicações eram necessarias para os meus amigos de fóra d'esta camara, para os meus adversarios e para todos quantos me ouvem. Não faço favores ao ministerio, cumpro um dever que me é imposto pelas circumstancias. Desde que o governo pratique qualquer acto que eu julgue contrario ao seu programma, desde que eu entenda que aos srs. ministros falta a força necessaria para o desempenhar, a minha obrigação é dizel-o claramente em publico e combatel-os por meios honestos e licitos, fazendo com que as pastas lhes sejam arrancadas, para que venham outros substituil-os.

De resto, escuso dizel-o, não tenho ambições politicas, nem eu sei como existe na nossa terra quem as possa ter n'este momento. Ha no publico uma certa razão para desconfiar d'estas declarações, que são frequentes. Vê elle que muitos se declaram desambiciosos do poder, e logo em seguida á queda politica d'esses homens, vê-os trabalhar para lá voltarem.

Eu digo claramente a v. ex.ª: não sei como haja n'esta terra quem queira ser ministro, com os trabalhos, com as fadigas, com os sobresaltos e inquietações que traz esse espinhosissimo cargo na difficil situação que atravessamos.

Nas actuaes circumstancias não ambiciono o poder nem para mim nem para os meus amigos. Não o desejo agora, mas não o declinarei na occasião opportuna, e acceitarei então a sua grande responsabilidade; mas até lá a minha obrigação é não levantar difficuldades a qualquer governo, emquanto eu estiver convencido de que elle procura desempenhar-se dos seus grandes deveres. Eu disse que votava o projecto na generalidade, mas que discordo em alguns pontos da sua especialidade, e vou dizer por que. Em primeiro logar, sr. presidente, se eu estivesse na posição do sr. ministro da fazenda, não teria apresentado ao parlamento uma proposta de remodelação de contribuição industrial, porque para se fazer uma proposta d'esta ordem é preciso um trabalho longo, aturado; um inquerito minucioso, um exame profundo da situação das industrias que se vão tributar, e o sr. ministro da fazenda não tinha tempo para isso. Por maior que fosse o esforço da sua vontade e da sua intelligencia, por maior que fosse o seu proposito de fazer uma boa reforma, durante tres mezes, o sr. ministro não podia fazer mais do que uma proposta incorrecta e deficiente, como é esta que estamos discutindo. Por isso, partindo do principio de que s. ex.ª tinha absoluta necessidade de augmentar a receita publica, eu preferia apresentar ao parlamento qualquer expediente transitorio, por exemplo, um addicional sobre as contribuições do estado, que podesse ser cobrado unicamente este anno, até que o governo tivesse o tempo necessario para na proxima sessão legislativa apresentar uma proposta filha de maior estudo.

Repito, um addicional, embora pequeno, não levantava as resistencias que levanta esta proposta, que não é bem acceita pela opinião publica.

Sr. presidente, eu não teria duvida tambem de recorrer aos impostos indirectos, ao real d'agua, desde que o fizesse em termos moderados.

O vinho, por exemplo, paga 7 réis e já *pagou 10, e se voltassemos a este antigo* imposto de 10 réis d'isto tirariamos grandes resultados.

Eu sei que o sr. ministro da fazenda tem grande repugnancia aos impostos indirectos, mas, sem querer contrariar ninguem, direi francamente que toda a minha predilecção é pelos impostos indirectos.

Sr. presidente, é velho, é sabido, é corrente, entre todos os economistas antigos e modernos, que os impostos indirectos teem a vantagem de corrigir as desigualdades dos impostos directos, e isso não é pequena vantagem.

Mas, sr. presidente, a meu ver, não se falla verdade quando se diz que pagam mais os pobres do que os ricos, porque os pobres consomem como pobres, e os ricos consomem como ricos. Portanto, a verdade é que o rico paga mais do que o pobre.

Eu reputaria um erro uma proposta do sr. ministro da fazenda que supprimisse de todo o imposto o real d'agua, e empregaria todos os meus esforços para que ella não fosse approvada, porque entendia que se não devia pôr de parte um imposto que bem applicado e bem arrecadado tanto póde dar. (*Apoiados.*)

Quanto ao projecto em discussão, entendo eu que o governo faria melhor elaborando um projecto menos radical.

Não procedeu assim; entendeu que devia seguir outro systema; mas eu já disse que não lhe queria crear quaesquer difficuldades. O que eu faço é votos para que este systema se não repita.

Não posso, pois, deixar de approvar a generalidade do projecto, em vista das actuaes circumstancias e do sincero e nobre empenho do governo.

E agora, em relação á especialidade, promettendo desde já não causar a attenção da camara, nem abusar da sua benevolencia, vou tocar rapidamente alguns pontos com que não concordo: quanto ao augmento das taxas e á classificação das terras.

Na organisação das tabellas das classes não se teve em vista um principio certo, seguro, inalteravel; não houve um criterio justo, e deu isso em resultado levantarem-se contra a proposta de lei todos aquelles que se consideravam feridos injustamente.

O que o sr. ministro da fazenda devia ter feito, se tivesse tido tempo, era ter estudado e elaborado uma nova tabella de classes. S. ex.ª não teve tempo para isso, e apresentou ao parlamento uma proposta de lei, sem primeiro obter as informações e elementos indispensaveis de que precisava para que não reclamassem contra aquella obra. Apresentou uma tabella com quatro classes, tabella que principio nenhum justifica. Queira Deus, sr. presidente, que esta tabella, como está, a meu ver muito incorrecta e em desharmonia com as necessidades da industria, não venha a levantar tão grandes difficuldades ao governo, que este se veja obrigado a suspender a lei ou a modifical-a.

Sr. presidente, tambem não concordo com a classificação da ordem das terras.

Sei que a commissão de fazenda da camara dos senhores deputados, assim como a propria camara, fizeram profundas alterações na proposta que o sr. ministro da fazenda apresentou ao parlamento, de modo que a maior parte das terras ficaram com a classificação que teem actualmente, á excepção de Lisboa.

Eu felicito por este facto, tanto a commissão da camara dos senhores deputados, como a maioria da mesma camara porque se fosse promulgada uma lei, tal qual como o governo apresentou a proposta d'ella, era para receiar que levantasse tão serias resistencias que fosse absolutamente impossivel executal-a. Mas ainda ficou no projecto uma grave injustiça, qual é a equiparação, salvo poucas excepções, entre Lisboa e o Porto.

Sr. presidente, querer equiparar Lisboa ao Porto, é decretar a iniquidade na lei.

Lisboa é a capital do reino, é onde está a corte, onde estão as secretarias, os tribunaes superiores; a vida nacional póde dizer-se que se resume aqui em Lisboa.

Lisboa tem um porto amplo, um dos primeiros portos do mundo, que não se póde comparar com a barra do Porto.

O movimento commercial e industrial é aqui tambem maior do que no Pórto.

Equiparar estas duas cidades, e mais do que isso, aggravar a contribuição industrial em Lisboa, e exigir igualmente ao Porto o que se exige a Lisboa no actual projecto, é uma iniquidade.

Eu entendo que o Porto deve ter uma tributação especial.

Tanto o Porto, como Lisboa, estão em circumstancias excepcionaes e não ha no nosso paiz nenhuma outra terra que se lhes possa comparar.

Reconheço que se deve estabelecer uma tributação especial para Lisboa e Porto, mas não se deve praticar uma grande injustiça, querendo equiparar Lisboa e Porto e aggravar-lhe não só as taxas que d'antes pagava, mas exigir-lhe que pague as taxas novas, como se exige a Lisboa.

Sr. presidente, o Porto tem protestado, as suas classes mais importantes, os contribuintes estão descontentes, e, francamente, eu não posso deixar de dizer que teem razão.

Eu sei que o sr. ministro da fazenda, na commissão de fazenda da camara dos senhores deputados, deu satisfação ás reclamações d'aquella cidade, e essas reclamações a meu ver são justas. E' preciso que os governos, quando lançam contribuições, tenham em vista que nenhum imposto póde ser justo, se se não attende tanto quanto possivel ás reclamações dos contribuintes.

E' preciso não pôr do lado do contribuinte a razão, exigindo-lhe impostos que elle não póde pagar, allegando-se que ha necessidade de receita em vista das circumstancias em que nos encontramos.

Portanto, sr. presidente, lamento que o sr. ministro da fazenda não tivesse ouvido as reclamações feitas pela cidade do Porto, reclamações, a meu ver, justissimas, visto que o Porto não reclamava contra o aggravamento da contribuição industrial, mas sim pedia que a tributação lhe fosse feita em harmonia com as suas forças industriaes e commerciaes; e, se ainda estamos a tempo, eu peço ao sr. ministro da fazenda que attenda a semelhante desigualdade, porque outra cousa não é o comparar o Porto com o Lisboa. Ha ainda um outro ponto em que tambem não estou de accordo com o governo, e é o que diz respeito á contribuição industrial sobre os emolumentos dos empregados publicos serem cobrados por meio de estampilha. E' possivel, sr. presidente, que a cobrança por meio de estampilhas dê grande receita para o thesouro, mas o que é verdade é que a maneira por que tem de se fazer o calculo ha de dar logar a grandes embaraços na pratica, e eu receio muito que não se possa applicar, por haver muitos empregados publicos que não tenham o desem*baraço preciso para fazer o calculo dos 3* quintos dos seus emolumentos.

Estou, pois, convencido de que se a lei passar tal qual como está, o sr. ministro da fazenda em muito pouco tempo ver-se-ha na necessidade de a reformar, porque n'este ponto me parece impraticavel. Se s. ex.ª, em vez d'estes 3 quintos, mudar para metade, que é muito mais comprehensivel, ainda podia ser; mas assim creia s. ex.ª que se hão de dar sérios embaraços.

Uma cousa que s. ex.ª devia fazer, e que era muito util, era uma lei da lotação dos empregos publicos, e os governos, que teem ao seu dispôr todos os elementos indispensaveis para procederem a essa reforma, não sei o motivo porque a não fazem.

Quando em 1870 fui ministro da justiça publiquei uma portaria ordenando que todos os empregados publicos, que recebessem emolumentos, enviassem ao ministerio da justiça mappas das quotas mensaes de emolumentos que tivessem recebido.

Com estes elementos podiam-se fazer as matrizes das lotações dos differentes empregos para depois se lançar a respectiva contribuição. Parece-me que este processo era facil, que era commodo para o governo e para todos e que havia de dar bons resultados. Esta idéa é muito antiga no ministerio da fazenda.

Já o sr. Pedro de Carvalho a tinha lembrado nos annaes das contribuições directas.

A idéa foi muito debatida na camara dos senhores deputados e na imprensa, mas passou. O sr. ministro da fazenda, em logar de se aproveitar d'esta idéa vem com a cobrança por meio de estampilhas, que a meu ver é impraticavel.

Sr. presidente, eu não faço observação alguma sobre as differentes taxas das tabellas da contribuição industrial.

Não quero cansar a camara nem desejo prolongar muito esta discussão, porque a sessão parlamentar está muito adiantada.

Estou de accordo em que é necessario votar este projecto mais ou menos modificado.

Feitos estes reparos, só tenho a fazer votos para que a medida, depois de approvada em ambas as camaras, ache na pratica uma execução facil e conveniente, sem embaraços, sem resistencias, o que d'ella venha a resultar um grande augmento de receita, de modo que o sr. ministro da fazenda fique habilitado a pagar honradamente a divida da nação.

A proposito

A proposito do que escreve um jornal de Lisboa, um dos mais dignos e mais illustrados correspondentes d'um jornal de provincia diz:

> Outro assumpto. Um redactor das «Novidades» escreveu ha pouco um artigo, prevenindo os seus leitores contra os «conselheiros Accacios». Pouca gente percebeu a allusão que se denunciava apenas por umas transcripções. E' d'uma insolencia tão transparente, para quem soubesse onde as «Novidades» queriam chegar, aquell artigo, que indigna ainda mesmo os indifferentes ás individualidades attingidas. Occorre logo perguntar se não seria mais justo prevenir a sociedade contra uns cavalheiros de industria que, á custa de umas «gajisses» indecorosas, conseguem ir-se elevando de degrau em degrau, embora deixem em cada um um fragmento dos restos da dignidade que trouxeram do matto, onde ella era já de tão pouco peso, que voou nas azas da fama, até á lua sem apendices. D'esses é que era necessario expurgar-se este «meio», que esta involvido n'uma roda de infamias, que bem prescrutadas, tem alli a sua origem. A audacia com que se apresentam só póde avaliar-se no que podia ter de merecimento, pelo cynismo d'onde busca o ponto de apoio.

Effectivamente o que o jornal citado tem escripto com relação a pessoas, vae concitando contra si a opinião por forma que não tem nada de agradavel para quem o redige. O entono com que se apresenta contra todos e contra tudo, chega a tornar-se notavel, e ha de concluir por lhe reduzir muito as sympathias, que com uma pouca mais de delicadeza no trato e menos sevicias nas intensões, podia conquistar. Assim não nos parece que siga bom caminho.

COMMISSÃO DISTRICTAL

SESSÃO DE 3 DE AGOSTO DE 1893

Presidencia do ex.mo sr. conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia. Presentes o vogal effectivo sr. Ribeiro Junior e o vogal substituto sr. Pinheiro Chaves, e o secretario sr. dr. Marques Mano, faltando por motivo justificado o vogal effectivo sr. Pereira Junior.

Approvou o orçamento da junta de parochia de Ois do Bairro, concelho de Anadia, para o corrente anno.

Approvou as contas das juntas de parochia d'Ancas, concelho d'Anadia; de Avanca e Beduido, concelho d'Estarreja, relativas ao anno de 1891, e a da irmandade do Santissimo da freguezia de Santa Eulalia, concelho d'Arouca, de 1891 a 1892.

Distribuiu ao ex.mo presidente a conta da irmandade dos Passos e Almas de Sôza, concelho de Vagos.

ESTRANGEIRO

Deu-se no theatro da Alhambra um incidente que ninguem esperava. Executava-se um bailado intitulado *Chicago*, cuja scena principal se compõe do desfilar de representantes de todas as nações, precedidos da respectiva bandeira, escoltada por uma guarda de honra de soldados, vestidos com o uniforme nacional. Logo que appareceram em scena a bandeira e os soldados francezes, os espectadores começaram a gritar: «Fóra! Fóra!» proferindo ao mesmo tempo injurias contra a bandeira franceza. Esta manifestação ameaçava tomar graves proporções, quando o director deu ordem para retirar da scena a bandeira franceza e os soldados. O cortejo continuou e a bandeira allemã foi acolhida com applausos. Consequencias necessarias do conflicto franco-siamez.

— As noticias do Brazil são mais favoraveis. O Estado de Santa Catharina está completamente pacificado.

O cambio sobre Londres baixou, ficando hontem por 12 3|16.

NOTICIARIO

Visitas.—Gorou-se a do sr. ministro das obras publicas, mas annuncia-se a do sr. ministro da guerra.

Notas da carteira.—Tem estado em Aveiro o sr. Bento da França Pinto d'Oliveira Salema, digno tenente de cavallaria 10, e escriptor muito apreciavel.

— Entrou felizmente no periodo de restabelecimento o sr. dr. Adriano Monteiro Rodrigues Cancella. Damos esta noticia com verdadeiro prazer.

— Esteve alguns dias em Estarreja, em casa de seu irmão, o sr. juiz Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, o sr. José Maria Tavares Lobo, muito digno juiz municipal de Sever do Vouga, regressando depois á sua casa do Linheiro.

— O sr. Arnaldo Augusto Alvares Fortuna, certamente um dos funccionarios judiciaes mais illustrados, mais conscienciosos, mais graves e mais dignos do paiz, regressou hontem das Caldas de Vizella a esta cidade com sua virtuosa esposa.

Commissão d'inspecção.—Regressou de Lisboa a Aveiro, o sr. capitão Francisco de Paula Osorio Saraiva, digno presidente da commissão d'inspecção aos predios. Já terminaram os seus trabalhos no concelho d'Aveiro e vae prosseguir n'elles no concelho d'Estarreja.

Luto.—Está de luto uma familia respeitavel. A sr.ª condessa d'Ottolini, D. Eugenia, filha predilecta dos srs. condes da Borralha e esposa querida do sr. conde d'Ottolini, José, não é já do numero dos vivos. Esta illustre senhora soffria ha bastante tempo, e não se dando bem com os ares de Lisboa, veio terminar os seus dias em Agueda, terra da sua naturalidade.

A illustre finada foi um anjo na terra e ao lado de Deus será um anjo tambem. Que o Senhor se amercie dos que na terra deixou, a quem acompanhamos na dôr profunda que n'este momento lhes amargura a existencia.

Grave.—O que se está passando aqui, na parte respeitante á gerencia municipal, não tem nada de tranquilisador. A camara actual entendeu que devia pôr em execução a postura que obriga os lavradores a pagar um tanto por metro occupado com moliço nas differentes malhadas do concelho, e esta exigencia, junta a outras tambem tributarias que entendeu dever realisar, alarmou o povo, de fórma que o desgosto, até ha pouco occulto no desasocego intimo, irrompeu hontem em scenas de desordem, e teria chegado a luctas de sangue, se os empregados municipaes, evitando prudentemente o seu encontro com o povo enfurecido, não procurassem na fuga a salvação das proprias vidas.

Deu-se o facto na freguezia d'Arada, naturalmente com os lavradores que descarregam nas malhadas de S. Pedro e Ourô. Houve alli um perfeito alarme popular; os sinos das capellas tocaram a rebate, lançaram-se foguetes e tocaram-se buzios pelos differentes logares, tudo isto para reunir o povo, que depois se dirigiu ás malhadas, pondo em fuga os empregados municipaes. Ora isto é grave. O concelho é essencialmente pacifico, nunca aqui se presenciaram factos d'esta ordem, e por isso será bom que a maioria da camara procure, por qualquer fórma, aquietar os animos profundamente excitados pela prespectiva de impostos que nunca pagou, e que nunca lhe foi preciso pagar para que as obras do concelho não cessassem de progredir, para que em toda a parte se sentisse a mão do obreiro, a par da paz dos espiritos e da ordem mais completa.

Conjuramos, pois, a maioria da camara a que proceda por fórma a não levantar maiores attrictos. Nenhuma gerencia municipal precisou ainda aqui de levar ao extremo da desordem o concelho. Se a camara actual o levar ao extremo do sangue, muito teremos que sentir, muito teremos que lamentar.

Um parocho celebre.—Ha de responder no tribunal de Oliveira d'Azemeis, no dia 8 do corrente, o celebre parocho d'Ul, Manuel Tavares da Silva. Este *exemplar* levita responde alli pelo facto de não consentir que os eleitores progressistas da sua freguezia votassem na ultima eleição politica e na assembleia de Loureiro, com o fundamento de que haviam vendido o voto! E' verdadeiramente extraordinario, mas é positivo, e é positivo tambem que este *illustre* corypheu da politica contraria já respondeu a cinco policias correccionaes por factos que *honram* de sobejo a sua vida particular e publica.

E' de crer que a audiencia n'esse dia seja bastante concorrida. O que será necessario é levar desinfectantes para a casa do tribunal. Em plena zona torrida, como estamos, aquelle monturo de sujidades corre o risco de infectar o tribunal e por conseguinte os seus assistentes.

E' á auctoridade, que tem a seu cargo velar pela saude publica, que o caso respeita.

A questão d'Albergaria.—Começamos hoje a publicar as interessantes notas que obtivemos no julgamento da importante questão que, no tribunal d'Albergaria, acaba de vencer o nosso estimavel amigo, sr. Manuel Maria Amador. Vão em n.os successivos, porque são extensissimas. Pela sua leitura, que é a expressão nitida do que alli se passou, verão os nossos leitores como foi justa a decisão a favor do sr. Amador.

Desapparecimento.—Desappareceu da Povoa de Vallade, logar pertencente á freguezia de Requeixo, d'este concelho, um rapaz que se empregava no serviço de guardar uma cabrada. O desapparecimento verificou se no dia 23 do mez findo em seguida á queixa de um lavrador, de que as cabras que guardava lhe haviam feito prejuizo n'um predio. O rapaz tem 14 annos de edade e a estatura propria da edade que tem; a côr é natural, mas é vesgo d'um olho. E' natural da freguezia do Prestimo, do concelho d'Agueda, e chama-se Antonio. Já foi moço de cego.

A familia deseja saber a paragem do rapaz; a familia que é, como dizemos, da freguezia do Prestimo, do concelho d'Agueda; e o amo, que é da Povoa de Vallade, na freguezia de Requeixo; e por isso pede-se não só ás auctoridades dos concelhos por onde possa estar, mas tambem a qualquer pessoa que d'elle tenha conhecimento que se dirija por carta á Redacção d'este jornal, que se pagarão todas as despezas que com isso se fizerem.

Festividade.—A'manhã tem logar no formoso templo do Senhor das Barrocas, no extremo norte da cidade, uma pomposa festividade em honra da mesma Imagem, promovida pelos honrados negociantes de sardinha. Constará de missa solemne, sermão, e de tarde arraial, tocando alli a phylarmonica *Aveirense*.

Herança em beneficio do Estado.—Pelo fallecimento de um exposto sem herdeiros, o governo mandou tomar posse pela repartição de fazenda de um predio na Quinta do Picado, logar pertencente á freguezia de Arada, d'este concelho.

Trabalho de pesca.—O mar continua a produzir um pouco irregularmente. A pesca não é regular, e a sardinha que as redes alcançam vem meiada de caranguejo, circumstancia que a prejudica muito. Entretanto a que se pesca vae chegando para o consumo e para a exportação. No mercado de hoje tem o preço de 900 reis o milheiro.

A banhos na Figueira da Foz.—E' já grande alli a concorrencia de banhistas, tão grande que as barracas que se armam na praia excedem já o numero de 127.

Noticias da Bairrada.—Em 5.—Além de muitas dezenas de cavalheiros que tem vindo a Anadia visitar a nobre familia Luciano de Castro, estiveram alli na quarta-feira os srs. conselheiro Joaquim d'Almeida Corrêa Leal, desembargador da relação do Porto, e engenheiro João Carlos d'Almeida Machado, acompanhados de suas ex.mas esposas.

Na quinta-feira vieram tambem de Aveiro, em visita ao ex.mo conselheiro José Luciano de Castro e sua ex.ma familia, os srs. José Eduardo d'Almeida Vilhena e Firmino de Vilhena.

Hoje chegou alli, vindo da capital, o sr. Manuel Affonso de Espregueira, director geral da Companhia Real dos caminhos de ferro portuguezes.

— Sente sensiveis melhoras o sr. dr. Adriano Cancella, muito digno contador do juizo de direito da comarca d'Anadia, cujo estado chegou a dar sérios cuidados aos seus illustres paes, manos e primos e aos seus numerosos amigos, sendo um d'estes o humilde

F.

Fallecimento.—Falleceu em Leiria o sr. Augusto da Cunha Eça e Costa, conhecido medico e antigo deputado.

Mais um assassinato cobarde.—Na freguezia de Grijó, concelho de Gaya, foi commettido um crime horroroso. Assassinaram uma pobre velha alli muito estimada. O crime foi perpetrado na noite de 31. A assassinada chamava se Anna de Oliveira, a *Gatenha*, e contava 75 annos. Tinha estabelecida uma taberna, que era administrada por um cunhado. *Gatenha* vivia completamente só com um cão, e tinha fama de ter algum dinheiro. O caso conta-se assim pela *Provincia*:

> De manhã, uma mulher de um logar visinho, da Boavista, ia comprar genebra e, n'essa occasião, viu sahida, por uma das janellas, a ponta de uma escada de mão. A mulher, desconfiando do caso, foi dar conhecimento d'isso e d'ahi a pouco, apparecendo o regedor, acompanhado por muita gente, entrou na casa e deparou com a dona morta, na cama, mas morta violentamente.
>
> A «Gatenha» estava litteralmente nua, apresentando vestigios evidentes de estrangulação. Na testa, junto ao olho direito, via-se uma ferida profunda, de onde sahia muito sangue. Externamente não havia indicios de arrombamento. A porta fôra aberta de fóra para dentro, ou de dentro para fóra. Arrombadas estavam, mas eram as gavetas, d onde o assassino e ladrão levou uns 200$000 ou 250$000 em dinheiro, tres corações, umas argolas, umas arrecadas e um fio de contas, tudo de ouro. Não faltavam roupas nem objectos do negocio; o assassino queria sómente valores e mais nada. A pobre velha, como já dissémos, tinha um cão em sua casa, mas o animal desapparecera, sem que por ora se saiba como. A morta tinha valores em papeis de credito e, ha pouco ainda, havia feito testamento, em nota publica. De maneira que ha, ao que parece, parente ou parentes interessados no caso. As auctoridades investigam, e em resultado foi preso Carlos José da Costa, sobrinho da «Gatenha».
>
> E' o indigitado como auctor do crime, que teve por mobil o roubo. Carlos da Costa foi preso pela regedoria de Grijó, onde o caso produziu espanto, e foi remettido para o Porto. Confessou já o crime.

Mais um crime!—Acaba *de ser preso no Porto um rapazito de* 14 annos, por ter feito declaração espontanea de que elle e um seu tio tinham assassinado um marchante de nome José, occorrencia que effectivamente tivera logar ha já perto de dois mezes. O tio do menor, Albino da Silva, de 24 annos, tinha umas rixas com o marchante de que necessitava tirar desforra, mas como este era um sujeito possante resolveu aggregar a si o rapazito, seu sobrinho, que agora fez a estranha revelação. Albino da Silva, mostrara um rewolver ao sobrinho ensinando-lhe como elle funccionava, e preveniu-o logo de que talvez muito cedo se deveria servir d'elle.

Effectivamente cedo se deu o ensejo e o Albino em encontro, não casual, com o marchante, provocou-o, engalfinhando se ambos em seguida n'uma lucta encarniçada. Não levava, porém, a melhor o provocador, mas n'esta altura o rapazito approxima-se e dispara duas vezes o rewolver sobre o inimigo de seu tio, que caiu para não mais se levantar. As balas tinham-lhe varado o pulmão direito! O novel assassino, fazendo agora estas extraordinarias revelações, foi immediatamente preso, bem como seu tio, e á justiça compete apurar bem as respectivas responsabilidades n'este sangrento caso, que não prima ainda por sufficientemente esclarecido.

Previsão do tempo.—A 1.ª quinzena de agosto, segundo Noherlesson, será tranquilla, porque as tres pequenas alterações pouca influencia terão na Peninsula a não ser nos primeiros dias. De 4 a 6 ha de sentir-se ao norte e nordeste da Peninsula a influencia da depressão do Atlantico. Depois serão geraes as altas temperaturas, que serão modificadas desde o dia 12 a 14, pela influencia de uma depressão de pouca influencia situada a oeste de Portugal.

Despachos judiciaes.—Luiz Netto Ferreira, nomeado subdelegado do procurador régio da comarca da Gollegã.

Herique Julio Dias, escrivão do juizo de direito do primeiro districto criminal de Lisboa, transferido para a 5.ª vara civel.

Francisco Rodrigues Paraizo, escrivão e tabellião do juizo de direito de Leiria, transferido para o primeiro districto criminal de Lisboa.

Luiz Maria dos Santos Leitão, que servia o officio de escrivão do juizo de direito de 5.ª vara de Lisboa, no impedimento de Antonio Maria Patricio Alvares, nomeado para o officio de escrivão e tabellião do juizo de direito de Leiria.

Antonio Augusto Vieira da Silva Borges, exonerado de escrivão de paz de Paranhos na 1.ª vara do Porto.

A revolução na Republica Argentina.—Encontramos nos jornaes estrangeiros os seguintes pormenores ácerca da revolução da Republica Argentina. A insurreição radical estende-se ás provincias de Buenos-Ayres e Santa Fé e receia-se que se propague ás de San Juan e Corrientes, onde já têem occorrido algumas manifestações. No dia 28 desde a alvorada que houve diversos combates, alguns bastante renhidos, em vinte povoações da provincia de Buenos-Ayres e no Rosario. O paiz achava-se em estado de grande effervescencia, fraternisando a população com os revolucionarios. Em alguns districtos o serviço dos caminhos de ferro achava-se interrompido por terem levantado os *rails* em varios pontos. As linhas telegraphicas estão cortadas em differentes sitios. Em Buenos Ayres os radicaes organisaram um grande comicio, sendo publicado um manifesto em que se declara que no estado actual das causas é de toda a necessidade reconquistar os direitos e as liberdades do povo. As principaes ruas de Buenos-Ayres foram occupadas pela tropa e pela policia.

O governo pediu ao congresso authorisação para intervir energicamente e proclamar o estado de sitio nas provincias de Buenos-Ayres, Santa Fé e San Luiz. O dr. Cofferata, governador de Santa Fé, pediu a intervenção nacional. No Rosario, os radicaes soffreram uma primeira derrota, tendo 90 mortos ou feridos. Os estrangeiros tomaram parte no movimento insurreccional. Por causa d'este movimento, as transacções commerciaes fazem-se com difficuldade, tendo fechado muitos estabelecimentos.

A annexação das ilhas de Salomão.—A annexação das ilhas de Salomão, na Oceania, pela Inglaterra, está dando logar a diversos incidentes de imprensa, que não deixam de ser curiosos. A folha allemã *Gazeta da Cruz*, admira-se de que a annexação se fizesse sem que a Allemanha fosse préviamente consultada. O mesmo jornal nota que havia uma convenção anglo-allemã, feita em 1885, que attribuia ao imperio germanico uma parte do archipélago, e que uma carta patente de protecção, datada de 13 de dezembro de 1886, definia a região comprehendida na esphera allemã e submettida á Companhia da Nova Guiné. Esta região occupa uma superficie de 22:000 kilometros quadrados, mais de metade da extensão do archipélago, comprehen*dendo tres grandes ilhas e oito* pequenas, com uma população de 80:000 habitantes. Terá a Inglaterra que ceder parte do archipélago á Allemanha?

As trovoadas.—Em Madrid descarregou terça-feira ultima uma forte trovoada, acompanhada de intensos aguaceiros e de medonhos trovões. A trovoada pouco tempo durou; ainda assim cahiram algumas faiscas, e uma d'ellas feriu uma creança de peito que uma mulher levava ao collo, ficando esta illesa.

A França no Dahomé.—Annunciaram em tempo os jornaes francezes que Behanzin, o celebre rei do Dahomé, pedira ao commandante do corpo expedicionario uma entrevista para tratar das condições da paz. O governo francez auctorisou o coronel Dumas a entabolar negociações com Behanzin, tendo-se encontrado com elle em Goho, a alguns kilometros apenas do Abomé. Nem são, porém, ainda conhecidos os resultados d'esta entrevista.

Reliquias de Shakespeare.—Ultimamente foram vendidas em Londres duas reliquias shakespeareanas: um copo para cerveja e a bengala que o tragico inglez legára como recordação á irmã. O copo é de majolica, tem 22 centimetros de altura e o exterior é ornado de varios assumptos mythologicos. No principio d'este seculo collocaram-lhe uma tampa de prata, tendo ao centro o retrato do poeta e esta inscripção: «Shakespeare aos 40 annos de idade». Quanto a bengala, consiste a sua originalidade em ter 1 metro e 30 centimetros de altura, como se usava na epoca em que viveu Shakespeare. Os dous objectos foram vendidos por 576$000 réis.

Não ha vinho falsificado em Lisboa!—Sob esta epigraphe um jornal d'alli escreve:

Ha dias, n'um estabelecimento conhecido, apresentou-se um sujeito francez pedindo ao dono da casa para lhe provar umas amostras de vinho tinto que elle dizia ser cousa boa. Provado o *vinho* que, aliás estava bem feito, isto é, bem imitado, perguntou o dono do estabelecimento o preço, a que o francez respondeu: 1$000 réis o almude de 17 litros posto em casa do freguez!!

Admirado o dono da casa, disse: «mas então isto não é vinho?»

— Que pergunta, atalhou o francez, como diabo queria você que isto fosse vinho a 1$000 réis o almude, que só de direitos paga 600 réis?! Mas está ou não bem feito?

— Está, mas não compro.

Se o dono do estabelecimento quizer ratificar o que fica dito, que o faça, tanto mais que a sua recusa é d'um homem sério.

Mais nos dizem que a tal fabrica é para os lados do Beato. Mas ha mais. N'uma rua não muito longe da Praça dos Restauradores, ha um estabelecimento de vinhos engarrafados e que vende bastante, sobretudo para revenda, porque os preços são convidativos. Agora o que tem feito scismar a visinhança é que nunca viu entrar para a tal casa senão alcool e só sae vinho!!

Mas se tudo isto são falsidades, porque ha tanto susto e se empregam por detraz da cortina todos os meios para evitar uma fiscalisação séria? Crêmos que todos teem a ganhar com isso: o consumidor, o viticultor, o thesouro, e finalmente o negociante que não faz falsificações.

E o que faz o governo? Nada!

Conselhos aos viticultores.—Temos n'este mez, diz a *Vinha Portugueza*, que defender as uvas da queima causada pelo intenso calor dos raios solares, tanto dos que incidem directamente sobre os cachos, como dos que são reflectidos pela terra; sobre tudo sendo calcarea, ou outra de côr clara. A defeza consiste em cobrir os cachos, e levantar, sendo possivel, os que mais proximos estão do terreno; este ultimo trabalho tem ainda a vantagem de evitar o apodrecimento produzido pela humidade do chão. E' comtudo bem superior, e bem mais economico, o uso de poda e empa que poupe estes cuidados e despezas; sendo as mais perfeitas, e portanto as preferiveis, nos casos em que fôr possivel applical-as, a poda e empa em cordão, descriptas nos primeiros numeros do corrente anno da *Vinha Portugueza*.

Contra as doenças cryptogamicas empregam-se os tratamentos ja tantas vezes indicados n'esta Revista, caso se dê ainda alguma invasão, o que não julgamos muito provavel. Nos enxertos continua-se o trabalho de *emancipação*, cortando as raizes do garfo e os rebentos do cavallo;e nos viveiros, além do que apontamos para os enxertos, mais os de monda e rega convenientes.

O cholera.—E' facto assente e irrevogavel nos usos portuguezes o terror alarmante do cholera, assim que entram os primeiros calores do estio. Pelas alturas de julho, quando o barometro sobe, eis que o pavoroso phantasma ahi apparece, embrulhado na alva tunica dos jornaes, espavorindo as almas timidas e as que vão colhendo na vida o saboroso pômo da felecidade. Realmente, nada mais triste do que um homem vêr-se obrigado a deixar mulher e filhos, theatros e bailes, *toilettes*, e patuscadas, para inopinadamente emprehender a grande viagem de que se não volta nunca! Deixar a carriola da vida, com sensações pacificas a ronceiras, para ser arrastado vertiginosamente por uma legião de bacillus endiabrados, que nos transportam ás regiões da sombra, onde a natureza escreveu para sempre irrespondivel ponto de interrogoção! Quem sabe dar valor ás coisas boas que a existencia tem, não póde sem magua encarar o temeroso e escuro problema da morte, que a cholera propõe á humanidade nas povoações per onde passa. Mas, se na verdade a morte é um problema indecifravel, cuja solucção só podem encontral-a os peregrinos que tranppozeram as barreiras d'este mundo, para que havemos nós de alimentar terrores e afflicções, sendo certo que o X do problema tanto póde aqui valer em amarguras como em felicidades? *Deixemos, pois, que a natureza* cumpra o destino, e que o cholera transite á mercê do Creador! Quando esse Ashverus pestifero bater á porta d'alguma casa, que os inquilinos tratem de apromptar as malas, não se esquecendo de metter na bolsa o obulo que o catraeiro Caronte exige de todo aquelle que entra no seu barco para atravessar o Lethes mythologico, que é afinal o verdadeirissimo no da morte e do esquecimento.

Mas felizmente, para socego e balsamo de todas as almas amedrontadas, a cholera ainda anda longe dos nossos intestinos—diz um collega.

Obra importante.—O sr. Carlos Augusto da Silva descobriu na Real Bibliotheca da Ajuda, um manuscripto, com capa de pergaminho e intitulada *Chronica de D. João IV*, do que é auctor o jesuita padre Antonio Vieira. E' o unico trabalho conhecido n'este genero, sobre o oitavo duque de Bragança. E isto torna o sobremodo curioso e utilissimo debaixo do ponto de vista historico. O livro vae ser publicado,com a coadjuvação de Sua Magestade a senhora D. Maria Pia.

Conflicto em Africa.—O *Times* chegado ha dias publica um telegramma da cidade do Cabo dizendo que os policias que foram mandados em perseguição dos matabeles voltaram sem que conseguissem avistal-os. Charterede Company comprou cavallos nos Estados Libres de Orange e no Protectorado a fim de estabelecer em Machona uma força de policia montada. Os administradores d'essa Companhia estão tomando medidas rigorosas com respeito aos matabeles para poder haver garantias. O chefe Khama offereceu á Companhia homens e cavallos. Os europeus da estação de Balawayo olham com inquietação para o presente estado de cousas em vista de, na occasião do combate do forte Victoria, serem mortos bastantes homens do regulo Lubengula, o que exasperou os matabeles.

Leão XIII.—Communicam de Roma que o Papa inaugurou no dia 24 a sua residencia de verão nos jardins do Vaticano. Sua Santidade passará as horas mais quentes do dia na torre de Leão, que apenas contém um amplo e fresco aposento.

Grande incendio em Paris. — Tres bombeiros asphyxiados.—No bairro de Bercy, rebentou no dia 28 um violento incendio que em pouco tempo tomou extraordinarias proporções, alastrando-se n'uma area de 3:000 metros quadrados, e destruindo varios depositos de madeira, verniz, e tanoaria. N'um dos depositos havia 2:000 pipas cheias de alcool e 700 de vinho, que foram devoradas pelas chammas.

Um violento furacão fez com que o fogo tomasse grande incremento. As auctoridades e bombeiros que accudiram, empregaram esforços sobrehumanos para dominar o fogo, mas nada conseguiram. Trabalharam 14 bombas a vapor, alimentadas com a agua do Sena, que está proximo ao local do incendio, e só ao cabo de umas poucas de horas é que se conseguiu localisal-o, impedindo que todo o bairro ardesse.

O calor era tão intenso que quantos bombeiros se chegavam ao pé dos depositos incendiados tinham que retroceder. Apesar de todas as precauções tomadas não foi possivel evitar que tres bombeiros morressem asphyxiados. A corporação de incendios obrou taes prodigios de valor, que foi elogiada officialmente. As perdas sobem a quasi a 2:000 contos, e só um dos proprietarios prejudicados perdeu 50 contos. Mais de 80 familias pobres ficaram sem abrigo. A policia tratou logo de lhes procurar alojamento e a comida foi-lhes fornecida pela perfeitura. O aspecto que apresentam as proximidades do local do sinistro, é verdadeiramente horroroso. Vê-se alli um centenar de cavallos presos a estacas, parecendo pertencerem a uma horda de fugitivos. Centenas de pessoas, homens, mulheres e creanças, estão sentadas entre armarios, mesas, camas e mil outros objectos caseiros, chorando a sua desgraça. Quasi todos estes infelizes se salvaram saltando pelas janellas, impulsionados pelo panico que os dominou nos primeiros momentos do incendio.

A Paccini em San Sebastian.—No theatro de Sam Sebastian apresentou-se pela primeira vez a nossa conhecida cantora Regina Paccini, estreando-se na «Somnambula.» O theatro estava completamente cheio, assistindo ao espectaculo a infanta *D. Izabel.* Regina Paccini obteve um extraordinario triumpho.

Lua de mel innocente.—Conta o *Figaro* que o duque e a duqueza de York entretiveram os ocios da sua lua de mel, pescando. O futuro rei d'Inglaterra remava; a futura rainha Mary lançava a rêde, uma pequena rêde feita expressamente para S. A. R. Sendo a pesca em aguas limpidas, diz um collega, nada ha a dizer.

O anniversario de Henrique Perigal.—40 annos de serviço.—Um banquete—Longevidade.—Os amigos de Mr. Enrique Perigal, que ha 40 annos desempenha o cargo de thesoureiro da sociedade real de meteorologia de Londres, obsequiaram-n'o com um banquete, no dia em que completava 92 annos de edade. Mr Perigal pertence a uma familia na qual parece que se vinculou a longevidade. O seu pae morreu aos 99 annos e entre os seus 12 thios e thias sete chegaram á edade de 93 e as restantes á de 75. Sommada a existencia d'estas 13 pessoas dá um total de 1:125 annos. O pae e a mãe d'esta notavel linha patriarchal falleceram em 1824, o primeiro aos 90 annos e a segunda aos 80. Mr. Henrique Perigal teve a grande satisfação de vêr sentados á meza outros 2 irmãos seus, um de 82 annos e outro de 84.

Uma receita.—Já aqui tivemos occasião de receitar ás nossas leitoras a maneira facil de destruir os furunculos, libertando d'esses pequeninos *senões* as suas faces formosas. Hoje vamos receitar-lhes a maneira facil de extinguir as berrugas:Toma-se uma cebola branca, das maiores, faz-selhe um furo no meio tendo o cuidado de a não atravessar de lado a lado. Enche-se esse buraco de sal, e deixa-se qeu este se derreta por si. Basta friccionar de manhã e á noite as verrugas com a cebola assim preparada, para que ao cabo d'alguns dias tenham desapparecido. Não tem o menor perigo, é simples, facil, rapido e barato.

Uma mulher digna.—Dizem de Sevilha que um creador d'eguas d'um logar chamado Troya, que passava por conquistador, requestara de ha tempos uma formosa mulher, do logar, casada com o guarda d'uma deveza, mulher que alliára á formosura a honradez mais inconcussa. Depois de varios assaltos infructiferos do D. Juan, este, ferido no seu amor proprio, começa a gabar-se de ter vencido a resistencia virtuosa da mulher do guarda. Esta quando o soube, calou o caso comsigo e esperou o conquistador. Quando elle se lhe dirigia em requebros de amor, ella lançando-lhe em cara a infamia que elle praticara em pretender desacredital-a na sua honra, puxou d'um punhal e enterrou-o tres vezes no corpo do D. Juan, que cahiu morto aos seus pés. Depois foi entregar-se á justiça.

Fallecimento de um explorador.—Referem os jornaes inglezes do correio de hontem,que falleceu em Londres o dr. John Rae, uma das personalidades mais salientes de uma exploração feita ao polo arctico e conhecedor da viagem de exploração que a esse polo fizera Francklin. Quando em 1854 voltou á Inglaterra da sua expedição, o dr. Rae trouxe differentes reliquias pertencentes a Franclin e aos navios da expedição «Erebus» e «Terror». O governo inglez deu-lhe então uma remuneração de 10:000 libras e a Sociedade de Geographia agraciou-o com a sua medalha de ouro. O dr. Rae tomou parte em outras expedições, sendo a 1.ª em 1846. Em 1860 dirigiu o lançamento de um cabo submarino entre Feroé, Irlanda, Groenlandia e a America; e em 1864 dirigiu tambem a difficil montagem de uma linha telegraphica de Winnipeg no Canadá, atravez das grandes montanhas Rocky.

De França á Russia em balão.—Affirma uma folha pariziense que um russo, Sergio de Savine, está disposto a fazer uma viagem em balão, em um simples *montgolfier*, desde a França até á Russia. Interrogado a respeito d'esta viagem Sergio de Savine declarou:

«O fim que tenho em vista n'esta viagem é atravessar a Europa para me dirigir á Russia. e este fim julgo que o poderei conseguir, porque os ventos que sopram na Europa central são quasi todos do oeste, o que tornará facil ao balão seguir o rumo léste. Se obtiver o resultado que espero, no caso d'uma guerra com Allemanha, a França continuará a communicar-se com a Russia.»

Sergio de Savine partirá em meiados de agosto, verificando-se a ascenção no Campo de Marte.

Insurreição á bordo de um vapor.—Despachos recebidos na capital da Hollanda dizem, que nas alturas de Edi, perto da costa oriental da ilha de Sumatra, numerosos atchins que haviam embarcado como passageiros a bordo do vavor hollandez *Pajah Kongsi*, revoltaram-se, atacaram a tripulação e mataram 34 indigenas, o capitão e o immediato. Ficaram além d'isso quinze pessoas feridas. Os atchins abandonaram o navio com alguns prisioneiros indigenas, ficando o vapor nas mãos dos hollandezes. Os atchins são useiros e vezeiros d'estes actos de pirateria.

O sangue de S. Pantaleão.—S. Pantaleão, o padroeiro da cidade do Porto, onde se conservam algumas das suas reliquias, tem o seu sangue em Madrid na egreja da Encarnação. Assim o vêmos escripto no *Imparcial*, que noticiando a festa no dia 27, diz:

«Muita gente foi á egreja da Encarnação, onde um sacerdote mostrou aos fieis um frasco de vidro que continha uma substancia vermelha que se diz ser o sangue de S. Pantaleão, e que tem a propriedade de se liquificar todos os annos no dia 27. Um pequeno sacristão collocava por detraz do frasco uma véla accesa, para que os fieis e os curiosos podéssem ver a sagrada reliquia. A egreja esteve sempre cheia de gente.»

Caminho de ferro aereo em Hespanha. — A companhia Franco-Hespanhola apresentou á deputação de Navarra e aos engenheiros srs. Fulbeto e Honis os planos e projectos para um caminho de ferro aereo de Irun e Lesaca que poderia transportar diariamente 3:000 toneladas de mercadorias. Tambem se está estudando o modo de poder applicar esta linha para transporte de viajantes, e se der bom resultado, constituir-se-hão outras semelhantes em Guipuscoa e Navarra. Parece que as obras começarão no corrente mez com auctorisação da deputação provincial de Navarra.

Execução capital.—Em Alcira, Hespanha, foi na manhã de sexta-feira ultima executado um tal Mariano Grau, condenado á pena de morte por crime de homicidio. Apesar de diversas petições para que a pena fosse commutada, o governo hespanhol entendeu não dever aconselhar ao poder moderador o indulto do réu. Este esteve de oratorio as 24 horas da praxe. No patibulo pediu perdão a todos do crime que commettera, sendo em seguida executado. A' execução assistiu uma enorme multidão.

O cholera—Um telegramma da Corunha publicado pelo *Imparcial* de Madrid, diz que despachos recebidos do alcalde de Carnota annunciam que em Pindo occorreram varios casos suspeitos de cholera, sendo alguns fataes, e que o governador civil da Corunha tomou immediatamente as medidas exigidas pelas circumstancias, convocando a junta de saude e enviando para o ponto infecionado varios medicos. Um telegramma, pórem, do nosso de Lisboa, dá a entender que os casos não são devidos ao cholera. Antes assim.

Horrivel explosão.—A' cerca da explosão que se deu em Ablon, cerca de Honfleur, a que se referiu o telegrapho, trazem as folhas francezas os seguintes pormenores: Eram 9 horas quando uma formidavel detonação fez tremer o sólo, abalando as casas e quebrando os vidros. Ao mesmo tempo viu-se uma enorme fumarada sahida da fabrica de dynamite establecida no val de Ablon. A explosão fizera saltar pelos ares grande parte da fabrica, matando sete operarios e ferindo muitos outros. Nas officinas estavam trabalhando 160 aperararios e operarias, dos quaes se apoderou um verdadeiro panico. A detonação ouviu-se a mais de 6 kilometros de Honfleur.

TRIBUNAL DA COMARCA
DE
ALBERGARIA-A-VELHA

ACÇÃO COMMERCIAL JULGADA EM AUDIENCIA DE 10 E 11 DE JULHO DE 1893

Juiz, ex.^mo^ sr. dr. Antonio Alves de Oliveira Guimarães.

Secretario, servindo de representante do ministerio publico, ex.^mo^ sr. dr. Augusto Barbosa de Quadros.

Escrivão, sr. Antonio Cardoso de Bastos.

Auctores:—Antonio Lopes de Oliveira e Francisco Corrêa de Sá e Mello e esposa, na qualidade de herdeiros de Domingos Lopes de Oliveira, de Pardos.

Reus:—Manuel Maria Amador e esposa, de Alquerubim.

Advogado dos auctores:—Exmo sr. dr. Adriano Anthero de Souza Pinto.

Advogado dos reus:—Exmo sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães.

—

AUDIENCIA DE 10 DE JULHO DE 1893

Pouco depois das 10 horas da manhã foi aberta a audiencia, procedendo-se á chamada das partes, jurados, testemunhas, etc.

O advogado dos authores pediu a palavra para fazer um requerimento antes de ser constituido o tribunal, e sendo-lhe concedida, disse que tendo sido dado pelos auctores como testemunha de accusação, o jurado José Coelho de Pinho, prescindia d'esta testemunha, a fim de que podesse exercer livremente o cargo de juiz de facto.

Ouvidos sobre este incidente os drs., secretario do tribunal e advogado dos reus, não se oppozeram, e o meretissimo juiz deferiu o pedido.

Pediu ainda a palavra o digno advogado dos auctores, dizendo que, visto terem sido dados como testemunhas de defeza pelos reus, tres dos jurados effectivos, requeria, de accordo com o disposto nos artigos 207 e 1040 do Codigo Commercial e 268 do Codigo do Processo, que os mesmos jurados declarassem, sob juramento, se tinham ou não conhecimento de factos que podessem influir na decisão da causa, e no caso negativa podessem exercer o cargo de jurados.

Ouvido sobre este novo incidente o distincto advogado dos reus, oppoz-se este áquelle pedido, fundado em que não era motivo para addiamento o facto de se terem dado como testemunhas de defeza aquelles jurados, porque ainda estava presente no tribunal numero sufficiente d'elles para a causa poder ser julgada. Que os reus não podiam prescindir do depoimento de taes testemunhas, que se tornavam altamente necessarias para a defeza d'elles; e fazendo em seguida judiciosas considerações sobre o allegado pelo advogado dos auctores, contrapoz aos artigos da lei, citados por este, os artigos 1092 do Codigo Commercial, 401 a 405, e 292 e 293 do Codigo do Processo Civil, e ainda outros, terminando por pedir que o requerimento do seu collega fosse indeferido.

O digno juiz, deferiu o requerimento, e seguidamente fez os jurados que tinham sido dados como testemunhas prestar o respectivo juramento sobre se sabiam de quaesquer factos que podessem influir na decisão da causa, ao que os mesmos jurados responderam negativamente.

O patrono dos reus requereu então que o escrivão informasse se até áquella altura tinha lido quaesquer peças do processo, pelos quaes os jurados podessem ter conhecimento da acção que se ia ventillar.

O digno juiz mandou tambem ao escrivão que informasse se aquelles jurados já se tinham reunido alguma vez para resolver ácerca da questão de que se tracta, respondendo este affirmativamente sobre este pedido, e negativamente sobre o primeiro.

Terminando estes incidentes, consultou o meretissimo juiz os advogados das partes sobre a constituição do jury, conformando-se com ella o advogado dos auctores, e sendo regeitado pelo advogado dos reus o jurado José Coelho de Pinho, resultando d'isto ficar definitivamente o jury composto pelos seguintes srs.:

Jurados effectivos:—Manoel de Oliveira Campos Junior, Joaquim Moreira da Silva e José Tavares da Silva; e jurado substituto, José da Silva Vidal.

Seguidamente o advogado dos reus apresentou o seguinte documento para ser junto ao processo:

(*Entra a carta dirigida ao sr. Amador pelos auctores*).

Consultado o advogado dos auctores, este não se oppôz.

O escrivão procedeu então á leitura de varias peças do processo, dos quaes tomaremos, como principaes, as seguintes para melhor illucidar os leitores sobre o fundamento da questão:

LIBELLO

CONTRARIEDADE

(*Seguem agora quaesquer outros documentos do processo, que o sr. Amador julgue necessarios*).

—

Finda a leitura das peças do processo, foi ests entregue aos jurados, por ordem do digno juiz, para elles o examinarem na sala do tribunal, suspendendo-se a audiencia para esse fim por espaço de meia hora.

Reaberta de novo, consultou o digno presidente do tribunal os patronos dos reus, sobre se os depoimentos das testemunhas deviam ser ou não escriptos na acta da audiencia.

O advogado dos auctores oppôz-se a que os mesmos depoimentos fossem escriptos, citando para esse fim varios artigos do Codigo Commercial, e em vista da praxe estabelecida em casos analogos.

O advogado dos reus, ouvindo em seguida, foi de opinião contraria, em vista do disposto na lei de 9 de julho de 1862, e fundando-se tambem na abalisada opinião do dr. Rosado, terminando com um requerimento em que pedia que os depoimentos fossem escriptos.

O digno presidente indeferiu este requerimento, aggravando, com o devido respeito, de tal despacho o advogado dos reus, e requerendo por este fato a suspensão do julgamento até final decisão.

O meretissimo juiz deferiu o pedido, mas só na parte do aggravo, indeferindo a outra parte relativa á suspensão do julgamento,

Finalmente, terminados estes incidentes, eram 3 horas da tarde, foram as testemunhas recolhidas, passando-se á sua inquirição.

TESTEMUNHAS DE ACCUSAÇÃO (1)

1.ª—Dr. João Eduardo Nogueira e Mello, solteiro, advogado. Aos costumes declarou que tinha as relações completamente cortadas com o reu, de quem não era amigo.

O advogado dos reus requereu para contradictar esta testemunha, com o fundamento de que ella era inimiga do reu, como se provava com uma carta que lhe tinha dirigido,—carta que apresentou n'essa occasião, e cujo theor é o seguinte:

(*Segue a carta dirigida ao sr. Amador*).

Perguntado sobre o motivo da contradicta, a testemunha declarou que de facto não era amigo do reu, e que a carta que ora se apresentava, (e que lhe foi mostrada) a tinha effectivamente escripto e dirigido ao reu, mas que as ameaças que ella continha, se não referiam a esta questão, e apenas a ser o reu mau empregado publico, o que levaria a elle, testemunha, a pedir a demissão ou a transferencia do reu.

Perguntado sobre os factos allegados no libello, disse:

Que sabia que o reu devera em tempo a quantia de 2:000$000 réis, ao fallecido Domingos, de Pardos, mas que ignorava tambem se o reu lh'os tinha pago.

Que ultimamente ouvira dizer que o mesmo reu devia áquelle fallecido a quantia de 6:000$000 réis, mas não sabia se isto era verdade. Entretanto, se tal affirmação era verdadeira, elle, testemunha, julgava inacreditavel que o fallecido credor presenteasse o reu com tal quantia, acreditando antes que o mesmo reu lh'a tivesse pago, pois conhecia perfeitamente o genio do fallecido, que, a respeito de dinheiro, era bastante mesquinho nas suas liberalidades.

Que era verdade o fallecido ser muito amigo do reu, e que até lhe era devedor de bastantes obsequios;—mas este facto não era bastante para elle o beneficiar com tão elevada quantia em razão dos motivos que já expôz; e tanto era verdade ter o reu prestado ao referido Domingos, de Pardos, muitos e importantes serviços, que os herdeiros, sobrinhos do fallecido, e authores n'esta questão, tiveram a ideia de lhe dar 2:000$000 réis, visto o fallecido o não ter contemplado em seu testamento. Como empregado das obras publicas, soubera por varias testemunhas que alli iam depôr, que o reu, n'aquella qualidade, não cumpria o seu dever, pois comprava objectos por um preço que documentava por outro.

Que a testemunha, n'este processo, Francisco Vidal, tinha sido encarregada pelo reu de fazer uns carros de mão para cantoneiros, cujo valor era de 20$000 réis, e que o reu os documentara por 40$000 réis; e que a testemunha Manuel Ferreira, na qualidade de pedreiro, e empregado nas obras publicas, tambem tinha recebido do reu quantia superior ao seu ordenado.

Que o reu tinha edificado uma fonte á custa das obras publicas, cujas aguas iam abastecer o seu quintal. Instado, porém, pelo advogado da defeza, disse que a fonte referida era do dominio publico, e que as vertentes apenas eram para uzo do reu.

Que fallando em tempo com o fallecido Domingos, de Pardos, fazendo-lhe ver que era preciso que elle tivesse muita cautella com o reu, pois que este se envolvia em muitas emprezas, para as quaes, elle, testemunha, não sabia d'onde lhe vinha o dinheiro, o mesmo fallecido lhe respondera: «De cá, de cá». Instado para declarar o que queriam dizer estas palavras do fallecido Domingos, de Pardos, disse que o não sabia explicar, parecendo-lhe, porém, que o mesmo Domingos, de Pardos, queria significar com isto que era elle quem lhe abonava o dinheiro para essas emprezas.

Que embora o reu dissesse o contrario, elle, testemunha, fôra quem o pozera fóra do seu partido politico; podendo asseverar que, ainda hoje, se puizesse, o tornaria novamente para seu correligionario.

Que o reu fôra a sua casa por occasião da visita paschal, acompanhado do parocho e outras pessoas, e que se não fôra a consideração que votava a essas pessoas, que o acompanhavam, o mandaria sahir de sua casa.

Instado pelo advogado do reu disse que este era effectivamente um homem incansavel e prestimoso, sempre prompto em servir amigos e inimigos, e que, se não fosse o seu pouco criterio, seria o primeiro homem d'aquella localidade.

2.ª—Francisco da Silva Vidal, casado, carpinteiro. Aos costumes disse que era amigo de ambas as partes. Sobre a questão do pedido que se fazia, não sabia nada. Relativamente aos carros de mão para cantoneiros, a que se referira a testemunha anterior,disse: Que effectivamente o reu lh'os encommendara, e que, a seu pedido, lhe abonara a importancia dos mesmos carros, recebendo elle depois do respectivo pagador,—importancia egual ao abono que o reu lhe fizera, á qual lhe mandou entregar pelo cantoneiro Tavares.

3.ª—Manuel Ferreira, casado, pedreiro. Aos costumes disse nada. Disse que nada sabia sobre o pedido. Relativamente aos factos narrados pela testemunha anterior, disse apenas que tendo feito alguns serviços nas estradas de cuja conservação o reu era chefe, recebera sempre o seu ordenado do costume, e nunca quantia superior ou inferior a elle. Nada mais sabia.

4.ª—Antonio da Costa Meireiro, pedreiro, casado. Declarou que era amigo dos authores e reus. Disse que nunca fizera serviços nas obras publicas, tendo-se, porém, empregado varias vezes em serviços particulares do reu, taes como, confecção de muros, etc.; e que o reu lhe pagara sempre religiosamente o que havia justado. Sobre o pedido que os authores faziam aos reus, nada sabia.

5.ª—Domingos Lopes de Oliveira Junior, lavrador, casado, segundo é publico, com uma filha natural de Domingos, de Pardos, e sobrinho d'este. Aos costumes nada disse.

O advogado dos reus requereu para contradictar esta testemunha com o fundamento de que ella tencionava propôr uma acção em juizo contra os authores, a fim de revindicar a herança de Domigos de Pardos, por ser sua mulher a unica herdeira d'elle na qualidade de filha; mas que os auctores, sabendo d'este facto, prometteram á testemunha dar-lhe certa quantia importante, com a condição d'ella servir de testemunha n'este processo contra os reus, devendo receber essa quantia só depois da decisão da causa.

Para testemunhas de contradicta apresentou o procurador Antonio Rodrigues Castanheira e Joaquim José de Bastos.

Interrogada a testemunha sobre estes factos, negou a principio a veracidade d'elles, com certa hesitação sua; sendo chamada a testemunha de contradicta Rodrigues Castanheira, que confirmou o allegado, declarando até que lhe fôra passada uma procuração para tractar d'esse assumpto em juizo, a testemunha contradictada declarou ser tudo verdade, accrescentando que

---

(1) Apesar do digno presidente do tribunal ter concedido um logar dentro da têa para se tomarem notas da discussão d'esta causa, não foi possivel, no primeiro dia do julgamento, poder obter-se um pequeno logar para esse fim, em razão das acanhadas dimensões do tribunal, e achar-se este complemento cheio dentro da têa pelas testemunhas de accusação e defeza. *Por este motivo não nos foi possivel fazer* um extracto desenvolvido do que se passou no primeiro dia da audiencia, como tanto era para desejar, em vista dos depoimentos das testemunhas de accusação, que, realmente, nenhuma prova fizeram contra os reus.

---

137 FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

—

XV PARTE

A CEZAR O QUE É DE CEZAR

II

TUDO TEM FIM

— O tempo caminha sem parar: as horas rodam insensivelmente sobre os mortaes, e o sol, girando em volta da terra, vivifica a creação, envelhecendo-a. Nascer, desejar e morrer.

N'isto se cifra a vida da humanidade. Todo o praso tem termo.

Luiz e Carlos chegaram a Adra.

O primeiro momento foi para os abraços, para as consoladoras lagrimas de alegria, para os beijos represados havia quatro annos, beijos desejados todos os dias, todas as horas.

Primeiro a familia, depois a amisade, e por fim a curiosidade não largaram os viajantes. Uns achavam-os mais velhos, outros, mais gordos, outros mais trigueiros.

Nem todos os olhos vêem as coisas do mesmo modo, ainda que tenham o mesmo gráu de vista. Porque ha olhos que recebem a impressão na alma, e outros em parte alguma.

Luiz e Carlos foram apoquentados com perguntas. Depois de duas horas de beijos e abraços, José advertiu a familia que se continuava assim a molestar os viajantes, não era para estranhar que elles tornassem a pôr-se a caminho. Isto produziu seu effeito, e deixaram-os respirar um pouco.

O conde de Rambla e o coronel Carlos Perales chegaram a Adra ás seis horas da manhã d'um d'esses risonhos dias de maio, em que as andorinhas acarretam o barro para fabricarem os ninhos, e os tordos negros piam em variedade de tons sobre os beiraes dos telhados.

O mar estava tranquillo; o céu azul e de côr purpurissima, deixava ver aqui e alli pequenas e caprichosas nuvens tão como innocentes.

A primavera tem o que quer que seja que se communica á nossa alma.

Deus, durante essa epoca poetica do anno, combinou as côres, os perfumes e a luz, e por toda a parte se respira a sua bondade, se nota o seu sorriso amoroso dedicado á sua obra.

Na solidão de um campo, que começa a deixar apontar o seu producto, para que os homens o colham, adivinha-se alguma coisa do infinito, d'esse grande mysterio que só depois da morte se aclara, e que, como as vestaes da antiguidade, reanima o fogo da nossa esperança. A fé, esse poder que eleva o homem, que o engrandece, que o faz levar ao cabo emprezas incriveis, começava a extinguir-se no coração do conde Rambla, quando surgiu Carlos Perales como anjo salvador, indicando-lhe o caminho que devia seguir e lhe disse:

— Segue sem vacillar. Tens filha e mulher, não te pertences.

Luiz obedeceu, porque o seu coração era bom e brando, e logo os olhos d'alma, viram o singello apoio em que se baseava a sua felicidade: o trabalho. Desde este momento não retrocedeu: foi com passo firme, ideia fixa, fé e vontade energica. Regressou a Adra com uma fortuna de um milhão e duzentos mil reales. Metade d'esta somma correspondia aos tanto por cento marcados pelo millionario portuguez, a outra metade foi ganha em negocios por conta propria, comprando aqui e vendendo acolá. O capitão da *Trindade*, o condescendente Thomaz de Sousa Pina Carreira de Castello-novo, dizia com aquelle tom socegado que nasce no polo opposto da inveja:

— As pedras transformam-se em moedas quando o senhor as toca. Se não tivesse pressa de voltar a Hespanha chegava a ser segundo Cresus. Hontem comprou a safra d'um engenho e hoje topa com comprador que lhe dá dois mil *pesos* de ganho, sem retirar a fazenda dos armazens. Continuando assim, Salomão seria um pobre comparado com o senhor, e Cresus um mendigo. Eu não tenho muita ambição; mas se visse que a sorte me protegia tão desesperadamente fazia a volta do mundo, comprando aqui e acolá, isto commerciando... O senhor tem por força algum anjo no céo a interceder por si.

— Querido Souza—respondeu-lhe Luiz—ignoro se no céo os anjos se occupam da minha humilde pessoa; o que lhe posso affiançar é que dois anjos da terra, que me esperam nas costas da Andaluzia, não se deitam uma só noite, sem pedirem por mim a Deus.

— Bem se vê, bem se vê: e que as suas preces chegam ao céo, não me resta a menor duvida. Ah! eu não tenho essa fortuna: eu sou um pobre diabo só no mundo, uma especie de ostra pegada ao casco d'um brigue. Ninguem me espera, ninguem me chorará depois de morto.

O conde de Rambla, tinha realisado o seu sonho: possuia uma fortuna adquirida com o trabalho, e estava no seio da sua familia.

Houve em Adra festa de egreja, novilhos e fogos de artificio. Raymundo gastou bom dinheiro, com o fim de transmittir a sua alegria aos seus patricios. Não tinha gasto nunca dinheiro com tanto prazer. O contentamento foi geral; as felicitações choviam com abundancia diluviana. Raymundo com Adelaide pela mão, conservou nos labios, por espaço de tres dias, um sorriso cheio de grande satisfação.

Por fim, começaram a serenar os animos. Com o ultimo novilho começou a primeira peça de fogo, e a ultima chamma de polvora inflammada que se desvaneceu no espaço, foi o signal de que tudo estava concluido. Depois, ficou uma cousa mais duradoura que o prazer, mas menos agradavel: a recordação. O conde de Rambla começou a pensar, em que empregaria a sua modesta fortuna. A familia teve reuniões: todos davam o seu voto, que era ouvido por Luiz, cujo caracter tinha mudado completamente. Uma tarde, Carlos e Luiz passeavam á beira mar.

— Decididamente—disse o coronel—está resolvido a ficar em Adra?

— Estou, Carlos, estou: encanta-me esta villa pacifica e tranquilla: já que encetei caminho tão differente e colhi tão bons resultados, não quero retroceder: viverei n'esta aldeia o tempo que Deus quizer conceder-me de vida. Rosa conforma-se com esta ideia, e minha filha Adelaide, creio que ganhara muito. Isto não quer dizer que de vez em quando não façamos uma viagem a Madrid para gastar uma mão cheia de duros.

— Bem, Luiz, bem; chama-se a isso pensar maduramente: comprehendo o sacrificio que faz por sua filha.

— Sacrificio, não, meu amigo: viverei gostosamente, sem repugnancia alguma: terei uma carruagem modesta para levar a familia ao campo, e um cavalito que ande a passo castelhano para correr as minhas fazendas, porque me vou fazer lavrador.

— Deveras?

— Deveras. Hontem á noite, eu e Rosa resolvemos isso. Por noticias que tenho, vende-se uma grande fazenda por quarenta e cinco mil duros. Compro-a, terei uma parelha de mulas, e uma boa casa com todas as commodidades.

— Oh! tambem eu não entendia de negocios e a necessidade fez-me entender: depois hei de arranjar um bom administrador, ou para melhor dizer um lavrador honrado que me aconselhe: depois de comprada a fazenda, adquirirei com o resto da minha fortuna alguns centenares de cabeças de gado lanigero, e depois... Deus dirá: tenho muita vontade de trocar a sobrecasaca pela jaqueta do povo: parece-me que esta vida me fará engordar. Quando se gosou muito o mundo,quando os vicios e os caprichos das grandes cidades nos arruinaram duas vezes, é preciso ser prudente e seguir outro caminho.

— Não serei eu que me opponha a esses planos.

— E o coronel o que tenciona fazer?

— Em verdade, não sei.

— Quer que lhe dê um conselho, em paga dos muitos que me tem dado?

— Porque não?

— Pois, peça a sua reforma e case-se, coronel: é o mais acertado.

— Casar-me!—respondeu o Carlos sorrindo—e com quem?

— Demonio! Ouvi dizer a um d'esses philosophos que passam a vida calculando e medindo as coisas, que para cada homem ha vinte e cinco mulheres, de modo que encontrar mulher, não é, a meu ver, empreza muito difficil.

— Não duvido, mas nem todas as mulheres servem para o matrimonio.

— Tenho a certeza que educará a sua, por mais rebelde e respondona que lhe saia.

— Isso é confiança com que me honra, mas que eu não posso acceitar.

— Se insiste em ficar solteiro...

— Nunca pensei em me casar.

— Pois bem, fallemos n'outra coisa. O desejo de apertar contra o meu coração os entes que nos esperavam aqui, fez-me esquecer do encargo de um moribundo.

— Ah! sim, do missionario da California.

— O mesmo. Bem sabe que me entregou uma carteira pouco antes de morrer, carteira que tenho de entregar á marqueza de Ras.

— Sim, lembro-me que me contou por varias vezes o seu encontro com aquelle pobre velho.

— Pois bem, coronel: quando tenciona partir para a côrte?

— Dentro de breves dias.

— Então, vou encarregal-o d'esta commissão.

— Não tenho n'isso o menor inconveniente. Procurarei a senhora marqueza e entregar-lhe-hei a carteira.

— Obrigado, coronel; evita-me uma viagem.

E os dois amigos continuaram o seu passeio, fallando das boas condições da fazenda, que o conde de Rambla desejava comprar.

(*Continua.*)

quem o aconselhara em tudo isto fora a primeira testemunha de accusação dr. Nogueira.

Relativamente á questão de que se trata, disse: Que por occasião do fallecimento de Domingos de Pardos o reu tirava d'um bahu alguns papeis, e que até, elle, testemunha, segurara para esse fim na tampa do mesmo bahu. Que o mesmo reu guardara em si os referidos papeis, que dissera pertencerem-lhe, mas que não tinham importancia.

Que não sabia que papeis eram estes, podendo porem asseverar que não eram letras commerciass, e sim papeis com letras.

Instado declarou que o bahu de que o reu tirara os papeis, estava aberto.

6.ª—Deolinda de Oliveira, solteira, declarou que era irmã da testemunha antecedente.

Limitou-se a dizer que viu o reu tirar os papeis do bahu porque estava alli perto, e que o mesmo bahu estava aberto.

7.ª—Augusto Bento Alves, sapateiro, casado, exercendo tambem o officio de barbeiro.

Disse que fora chamado para fazer a barba ao fallecido, e que n'essa occasião vira o reu acompanhado das testemunhas anteriores, tirar d'alguns papeis, que não eram letras. Esse bahu estava aberto.

8.ª—Padre Antonio Emilio Pereira de Azevedo, reitor de Alquerubim. Declarou ser amigo dos auctores e dos reus. Fora a casa do fallecido por occasião da morte d'este, não vendo que o reu tirasse d'alli quaesquer papeis, e presenceando apenas que este, conjuntamente com os herdeiros e outras pessoas, andaram muito tempo a procurar o testamento do morto.

Accrescentou que o fallecido era muito amigo do reu e lhe era devedor de importantes serviços.

9.ª—Dr. José Pereira Lemos, casado, medico, cunhado da primeira testemunha dr. Nogueira.

Disse que Domingos Lopes de Oliveira tinha relações muito intimas com o reu, e lhe era muito dedicado, mas que este facto não era bastante para que o fallecido houvesse presenteado o reu com valor tão elevado, porque era muito muito mesquinha a sua generosidade; e tanto assim, que, sendo elle testemunha seu medico assistente, e tendo-lhe prestado valiosos serviços clinicos, só uma vez o fallecido practicara a generosidade de dar a seus filhos a quantia de dez libras, quando era certo que os serviços que elle, testemunha, lhe tinha prestado, podiam considerar-se no triplo d'esse valor; e que, não contente com isto, o fallecido notara no seu livro de apontamentos aquella dadiva com uma outra que, elle, testemunha viu, e com que declarava parecer-lhe que tinha satisfeito com generosidade taes serviços. Portanto, não lhe parecia acreditavel o facto allegado pelo reu, respeitante a ter-lhe dado o fallecido a quantia de 6.000$000 réis, pelos serviços que elle lhe prestara.

10.ª—Padre Francisco Marques Pires de Miranda, parocho da Branca, e no tempo coadjuctor em Alquerubim.

Disse que estivera em casa de Domingos de Pardos por occasião do fallecimento d'este, não vendo que o reu tirasse ou guardasse quaesquer papeis, e presenceando apenas que elle, em companhia dos herdeiros e outras pessoas, audou por muito tempo procurando o testamento do fallecido. Declarou que estivera n'aquella casa em companhia do parocho de Alquerubim.

Instado pelo advogado de defeza accrescentou que fôra chamado logo após o fallecimento, que teve lugar seriam 11 horas da manhã, e que se demorara ahi até á noute, sahindo então em consequencia do reitor o mandar chamar pelo sachristão, dizendo-lhe que se viesse embora, para não sahir d'alli sujo.

Instado para declarar o que taes palavras significavam, disse que, como ahi estavam muitas pessoas e constava que o fallecido era homem de fortuna, o reitor não queria que mais tarde os herdeiros dissessem que lhes faltavam alguns valores, fazendo com isto recahir a desconfiança nas pessoas que alli se encontravam.

11.ª—Antonio Rodrigues da Silva Roque, casado, negociante.

Declarou que se dizia que sua mulher era filha natural do fallecido.

Disse que nada sabia do allegado, porque ao tempo estava na cidade do Porto, e que apenas ouvira fallar na divida, não sabendo o que havia de verdade a tal respeito.

Nada mais podia informar.

12.ª—Antonio d'Oliveira, solteiro, lavrador. Aos costumes declarou que era primo dos auctores.

Disse que esteve a ajudar o barbeiro a fazer a barba ao morto, vendo por essa occasião que o reu tirava alguns bahu, mas que o fizera estando acompanhado por varias pessoas.

Fornecera ao reu alguns carros de dedra, que este lhe pagou sempre pelo preço do ajuste.

Disse tambem que a fonte a que se allude no libello era do dominio publico.

Igual declaração n'este sentido fizeram tambem todas as testemunhas interrogadas sobre este assumpto.

Testemunhas de defeza

1.ª—Dr. José Corrêa de Miranda, de 79 annos, casado, advogado. Aos costumes disse ser amigo dos authores e dos reus. Declarou que tinha o reu na melhor conta; que elle possuia um caracter perfeitamente illibado, sendo dotado d'um genio trabalhador e que sempre o conheceu incansavel em servir, sem o minimo interesse, tanto os amigos como até os inimigos.

Que por diversas vezes teve occasião de avaliar a sua muita honradez e presteza nos seus desinteressados serviços, pois em varias datas lhe confiou valiosas quantias, que montavam a contos de réis, para elle converter em papeis de credito, desempenhando-se o reu d'estes serviços com uma lealdade digna de todo o elogio. Tambem lhe confiava algumas inscripções averbadas em branco, para receberem um novo averbamento, sendo este serviço egualmente desempenhado pelo reu com a maior honradez e um zelo pouco vulgar.

Que o reu podia locupletar-se com as inscripções que lhe confiava, pois como dissera, estavam averbadas em branco, e era tanta a sua honradez que nem por isso lhe exigira documento algum, apezar do reu lh'o querer passar sempre que elle lhe confiava valores.

(Continua.)

CARTA DE LISBOA

2 de agosto de 1893.

Prometti na minha anterior dar-lhe conhecimento do crime que aqui se commetteu, e vou dar-lh'o. O facto narram-o assim os jornaes mais bem informados:

Os sitios da Estrella, Fonte Santa, Campo de Ourique e cercanias, ordinariamente socegados e dando pouco que fazer á policia, tornam-se de quando em quando mais celebres que os outros, porque os acontecimentos que lá se dão, pela circumstancia do socego habitual que alli reina, revestem-se sempre uma ou mais notas mysteriosas, como este de que nos vamos occupar, e se deu esta madrugada. Poucas vezes á policia, á justiça e ao noticiario se tem deparado um caso tão mysterioso e intricado.

Quasi ao fim da rua de Sant'Anna, a Buenos Ayres, do lado direito, indo da Lapa, ha um predio, ou antes dois predios com communicação interior, ambos com dois andares; o primeiro tem o numero 174 e o segundo o numero 176, tendo este quatro janellas e aquelle duas, e ambos mansardas. Vivia alli ha 25 annos o sr. Manuel José Gonçalves da Silva, bacharel em direito, natural de Macau, solteiro e de 54 annos de idade. Era o proprietario do predio, habitava-o todo, não tinha creados, não recebia visitas e fazia, aoque deprehendemos pelos objectos de uso e serviço domestico encontrados elle proprio os arranjos de casa. Sahia poucas vezes, sendo os seus passeios habituaes o Jardim da Estrella, onde os visinhos o viam muitas vezes lendo algum livro, e recolhia sempre cedo. Este mysterioso personagem era considerado riquissimo, e pelos valores, que lhe foram encontrados em um cofre forte, vê-se que possuia effectivamente bastantes bens.

Os predios de que fallamos apareceram esta madrugada, cêrca das 4 horas e meia, a arder. Compareceram immediatamente todos os soccorros do districto e o sr. inspector dos incendios Augusto Ferreira, procedendo logo o bombeiro n.º 128 ao arrombamento da porta, tarefa que não deu pouco trabalho porque a porta, além de chapeada de ferro, bem como todas as janellas, tinham duas fortes fecha duras, uma ingleza e outra nacional enorme, seis varios fechos todos solidos e uma grossa tranca. Atraz do 128 seguiu o 182 de agulheta em punho. Não havia labaredas, e o fogo parecia lavrar com intencidade no ultimo compartimento do predio n.º 176, onde era o quarto de dormir do sr. Gonçalves da Silva. Arrombada a janella d'esse quarto que dá para a rua, sahiram então grandes labaredas, que o pessoal dos incendios conseguiu extinguir, entrando no quarto. Foi então que aos olhos dos bombeiros se deparou o cadaver do mysterioso locatorio, reconhecendo elles que se tratava de um crime horroroso.

Junto da cama, com a cabeça virada para a empena do predio, voltado um pouco sobre o lado esquerdo, estava o cadaver do sr. Gonçalves da Silva, quasi completamente carbonisado, esmagado como que por uma violenta pancada.

Participou-se immediatamente o caso ao sr. commissario Veiga e ao juiz de paz de Alcantara, sr. Clemente Gonçalves de Lima, os quaes não se fizeram esperar e começaram a investigar á cêrca do mysterioso crime, deprehendendo como se verá pela descripção que vamos fazendo, que o malvado ou malvados que o perpetraram, uma vez introduzidos em casa, pelo lado do quintal, largaram fogo a todos os compartimentos, começando pelo quarto de dormir, depois de assassinarem o sr. Silva e de lhe arrombarem o cofre, roubando-lhe alguns valores, e pondo-se em fuga pelo mesmo processo empregado para entrar na habitação. Procedendo-se a minuciosas pesquizas encontraram as auctoridades, no quintal, um cama tello e uma machada de rachar lenha, ambos manchados de sangue empastados com cabellos da victima. Foram evidentemente estas as armas empregadas em dar a morte ao desgraçado celibatario.

O cofre é uma magnifica caixa forte, moderna e não foi certamente arrombada. O criminoso extorquiu á victima as chaves e abriu o cofre de onde não tirou tudo, pois foram lá encontrados os seguintes valores:

Valores, 17 titulos de 1:000$000 de réis cada uma do banco de Portugal; 11 acções de 100$000 réis; 5 titulos de 450$000 réis, do banco Ultramarino; 4 acções de 90$000 réis, do mesmo estabelecimento; 5 acções de 1:000$000 de réis, da companhia *Bonança*; e os seguintes coupons hespanhoes: 2 de 25:000 pesetas; 1 de 24$ 1 de 12$500 réis; 3 de 12$000, 1 de 4$000, 1 de 2$5000, 1 de 2$000, 3 de 500 réis, 306$000 réis em moedas de 500 réis, 20$800 em moedas de 200 réis; 8$500 réis em moedas de 100 réis e 200 réis em moedas de 50 réis, tudo em prata, e varios titulos de propriedades. Em duas pequenas gavetas do cofre, ambas fechadas, devem existir joias. Assim o affirmou a sr.ª viscondessa do Arneiro, irmã do assassinado, a quem o andador da egreja da Estrella foi chamar ao Campo Grande, onde aquella senhora reside, logo que soube do crime.

A casa divide-se em 13 compartimentos, sendo 5 interiores, no *rez de chaussée*, e 8 superiores, e tem tambem um subterraneo. Depois da casa da entrada, á direita, é a sala onde está um sophá, fauteils, cadeiras estufadas de azul e escossez, dois consolos, um banco ordinario com um triangulo de ferro e sobre este uma grande panella, cheia de banha de porco, isto junto do sophá e, mais além, dois bancos de engomar com uma taboa e sobre esta tres panellas, egualmente cheas de banha de porco! Sobre um dos consolos estavam duas caixas de musica, uma grande e outra mais pequena. Um nosso collega do jornal a *Vanguarda* deu-lhe corda, reparando que o apparelho com o qual se mudam as differentes arias, tinha uma de madeira, como para impedir que tocasse aria differente da sua favorita, que era a *Marselheza!*

Sobre uma secretária encontraram-se listas de todos os candidatos ás ultimas ileições de deputados, exceptuando as republicanas, e o *Diccionario Universal* de Lachatre, aberto em uma descripção mythologica ácerca de Jupiter! Sobre os consolos e por todas as casas havia cartuchos com enxofre; no subterraneo encontrou-se tambem muitas panellas e outros objectos, grande quantidade de saccos com feijão e outros generos, sabonetes varios, uma quantidade enorme de calçado velho e novo, formas, ferros de engomar, presuntos, toucinho, encontrando-se tambem bastante porção d'estes dois generos enterrados no quintal. O guarda-fato estava aberto e remexido bem como as malas. No quintal do predio contiguo está uma escada arvorada junto ao telheiro do quintal da victima, telheiro que tem algumas das telhas partidas.

Foi sem duvida por alli que o criminoso entrou e o outro quintal onde estava a escada a que nos referimos, pertence á casa habitada pelo carpinteiro João Antonio Lobo.

Assim se deve presumir, porque Lobo era a unica pessoa que lá ia uma ou outra vez a casa, e como já dissémos era no seu quintal que a escada estava arvorada, junto ao telheiro, ponto accessivel para saltar ao jardim. As telhas partidas, justifica-as a fuga precipitada do assassino. João Antonio Lobo desappareceu e a policia empenha-se em descobrir o seu paradeiro afim de obter a certeza do que suppõe. Outra pessoa, nada leva a crer que tivesse tanta facilidade em se introduzir n'uma casa tão bem aferrolhada.

Cerca do meio dia compareceram no cemiterio occidental, para onde o sr. juiz de paz mandara o cadaver, os srs. juiz do 4.º districto, conselheiro Costa Ventura e seu escrivão, o sr commissario Veiga e os srs. drs. Manuel Gonçalves Marques e Antonio Rodrigues Pinto, sub-delegados de saude, procedendo-se ao exame do cadaver. Tem a cabeça rachada pela altura da fronte, completamente carbonisada. Um dos braços, o direito, acha-se completamente destruido pelo fogo até ao cotovello e a mão esquerda tambem não existe, bem como parte dos pés. Só as costas resistiram ao fogo. Veem-se parte das piugas que calçava, cruas. A roupa achava-se mais ou menos queimada. Os srs. sub-delegados de saude so ámanhã darão conta das suas conclusões, ácerca do exame feito, mas entretanto sabemos que são de opinião que o crime foi praticado ha tres dias, porque o coração e mais intestinos acham-se em adian ado estado de decomposição. O enterro do sr. Gonçalves da Silva é feito por sua irmã, a sr.ª viscondessa de Arneiro.

Além dos objectos e generos alimenticos a que n'outro logar nos referimos, tinha a victima tudo quanto constitue uma dispensa bem provida. Chouriço, bacalhau, arroz, etc., tudo em grande quantidade.

Os predios que foram consumidos quasi por completo estavam seguros na *Bonança*, um em 2:400$000 e o outro em 2:600$000 réis.

*

Sabe-se agora que o assassino foi preso. E' effectivamente o carpinteiro João Antonio Lobo. Estava muito embriagado deitado sobre um banco na alameda do Campo Grande. Preso alli e levado ao facto o sr. commissario da 3.ª divisão, partiu logo para alli e conduziu o preso para o commissariado respectivo, onde chegou e onde era esperado por muito povo—tal é o interesse que o grande crime despertou em Lisboa. O seu estado de embriaguez é tal que não poderá responder hoje aos interrogatorios. Está, pois, nas mãos da justiça o grande assassino. Agora seguir se-hão as consequencias do crime que commetteu.

*

O incendio da fabrica nacional de polvora de Barcarena conta-se tambem assim:

Logo de manhã chegou ao nosso conhecimento, a noticia de que tinha havido uma grande explosão de polvora na fabrica de Barcarena. A nova vinha acompanhada dos mais terriveis pormenores, dizendo-se que tinham perdido a vida no desastre dois homens, estando além d'isso alguns feridos. Immediatamente tratámos de nos informar minuciosamente de como as coisas se tinham passado, é n'esse intuito nos dirigimos ao ministerio da guerra e ao commando geral d'artilheria, onde com toda a gentileza nos foram fornecidos esclarecimentos. Na extrema direita do edificio, como se pode ver, está o laboratorio onde havia grande quantidade de polvora sem fumo, cartuchos carregados com este explosivo, e polvora ordinaria. N'um annexo, já fóra do edificio, e por detraz do laboratorio, está a estufa, onde se seccam as polvoras, e onde existia uma porção importante de fulminato de mercurio, com que são carregadas as capsulas dos cartuchos. Para evitar a combustão espontanea de esta substancia é ella conservada em banheiras cheias d'agua.

A seguir ao laboratorio está o gabinete dos officiaes adjuntos, que são quatro, havendo além d'estes um director e um sub-director. Actualmente não ha director, e á frente da fabrica está o sub-director, o sr. capitão de artilheria, Matta. A um canto d'este gabinete estão collocados os apparelhos telegraphicos, a cargo d'um sargento do regimento de engenheria. Ha depois um estreito corredor, que dá ingresso para a secretaria, e esta communica com o gabinete do director. A' frente do edificio ha um grande terraço, no meio do qual se vê um tanque e d'esse terraço desce-se por uma vasta escadaria para os terrenos fronteiros. A alguma distancia ha varias dependencias, onde vive o mestre da fabrica e se aloja o destacamento, commandado por um official. Foi depois das tres horas da noite que se deu a explosão. A sentinella, que passeava tranquillamente no terraço ouviu um grande estrondo dentro do laboratorio e correndo precipitadamente na direcção da escadaria, chamou ás armas. Mal tinha acabado de dár o grito de alarme, ouviu novo estampido, este então formidavel e viu o tecto do laboratorio e o do gabinete dos adjunctos ir pelos ares desfeito em mil pedaços. Será escusado dizer, que todas as pessoas que habitam nas dependencias da fabrica, sahiram precipitadamente para fóra de casa, a fim de saber o que se passava. No primeiro momento, e devido á commoção que de todos se assenhoreára, foi impossivel tomar providencias. Mas restabelecida a tranquilidade, tratou-se immediatamente de combater o incendio originado pela explosão, empregando-se para esse fim as bombas do estabelecimento. Extincto o fogo, e feita a chamada do pessoal, verificou-se que não faltava ninguem. Então é que se poude avaliar quaes tinham sido os estragos causados. O laboratorio estava em completa ruina, sem tecto, as prateleiras em estilhaços, as bancas partidas e o vasilhame reduzido a pó. O tecto do gabinete dos adjuntos fôra egualmente pelos ares, e tudo quanto existia na sala estava despedaçado, á excepção dos aparelhos telegraphicos que milagrosamente escaparam. As paredes entre o laboratorio e gabinete dos adjunctos, e entre este e o corredor estavam por terra. A que sepára o corredor da secretaria, estava desprumada e tudo quanto havia dentro d'esta sala, ficára fóra dos seus logares. Todas as portas e janellas tinham sido arremessadas a grandes distancias, chegando alguns estilhaços a ir cahir á distancia de mais de 200 metros. Como na fabrica ha ordem expressa de quando succeda algum desastre não se proceda a desentulhos nem reparações sem a chegada do commandante geral de artilheria, foi telegraphicamente participado áquelle funccionario, que é o sr. Francisco Maria da Cunha, e ao sr. coronel Craveiro Lopes, chefe da 3.ª repartição do commando geral d'aquella arma, o que se tinha passado.

Estes dois cavalheiros prepararam-se immediatamente para partir em direcção a Barcarena, mas só o poderam fazer no primeiro comboyo da manhã, da linha de Cintra, apeiando-se em Queluz, onde os esperava um carro, que os levou directamente á fabrica. Alli depois de visitarem a parte destruida do edificio, ordenou o sr. general que desde logo se começasse a levantar um auto do occorrido, afim de averiguar a origem da explosão. Pelo que podémos averiguar, não se sabe positivamente como ella se poderia ter dado. E' possivel que a polvora sem fumo existente n'algum dos frascos, se tivesse decomposto pela acção do excessivo calor dos ultimos dias. Rebentando algum dos frascos, facil é de suppor que haveria explosão de todas as substancias existentes no laboratorio. A estufa onde estava o fulminante em tinas d'agua não ficou destruida, o que prova que alli não houve explosão; no emtanto pode muito bem ser que o fogo começasse n'esta parte e se communicasse rapidamente ao laboratorio, incendiando a polvora aqui armazenada. O auto de investigação dirá qual d'estas hypotheses é a verdadeira.

Como dissémos, não houve felizmente victimas a lamentar, por o caso ser de noite. De dia ter-se-hiam as coisas passado de maneira differente, porque no estabelecimento ha dezenas de pessoas empregadas.

Y.

CARTA DE VAGOS

1 de agosto de 1893.

Uma inexoravel angina, que nos prostrou no leito, roubando-nos a tranquillidade de espirito e a faculdade de esquadrinharmos as comedias extravagantes, que dia a dia se vão presenceando n'esta malfadada terra, nas quaes entram como protogonistas uns certos figurões, cuja alma viciada e apodrecida serviria da mais escarnecivel contemplação a quem por um momento tivesse a ousadia de analisal-a; essa atroz angina, como dissemos, obrigou-nos a interromper por algum tempo as nossas provocadoras cartas, como alguem lhe chama. Hoje, porém, que já sentimos alguns refrigerios, podemos lançar mão da penna para pagarmos aos nossos leitores uma divida de que nos responsabilisámos na nossa ultima carta, e que era o resultado da audiencia que havia de ter logar no proximo passado dia 22, e na qual deveria ser julgado o cobarde assassino do infeliz João de Pinho, o Vareiro. Esta audiencia não se realisou, porque era já publico que o traidor assassino teria a mesma sorte que tiveram os da Gafanha e o de Salgueiro.

N'estas circumstancias, o agente do Ministerio Publico n'esta comarca lançou mão dos meios que lhe facultava a lei de 1 de julho de 1867, e o juiz, que d'esta vez não se atreveu a calcal-a, deferiu ao requerimento de s. ex.ª, tendo por isso de realisar-se este julgamento com jury mixto.

Louvamos o procedimento do ex.mo delegado, e podemos afoutamente dizer que as suas desconfianças eram bem fundadas, pois nós tambem presenceámos factos antes do dia em que o reu deveria responder, que nos levaram a crer que este tivesse a sorte já acima referida. D'esta vez, pois, triumphou a justiça e a moralidade, que n'estas terras já de ha muito haviam fugido espavoridas.

— Corre que a commissão nomeada para gerir a irmandade dos Passos, nas contas que apresentou da sua gerencia, deixou a descoberto certas falcatruas que o sr. Lima Duque, digno administrador d'este concelho, não deixa passar pela malha, e nem mesmo um irmão a quem o Senhor dos Passos já a estas horas da noite pediu que lhe velasse pelos seus haveres. Veremos no que estas coisas páram e d'ellas daremos noticia.

— Chegou na sexta-feira a Vagos, de regresso de S. Pedro do Sul, o ex.mo sr. visconde de Valdemouro. Ficámos devéras satisfeitos por vermos s. ex.ª muito melhor de saude, e oxalá que o seu completo restabelecimento seja o mais breve possivel. E' que do coração lhe desejamos.

— Consta-nos que regressa hoje á sua casa d'Ouca o laureado academico sr. Manuel Nunes d'Oliveira, que acaba de concluir o seu curso na Escola Medica de Lisboa. Foi um dos alumnos mais distinctos d'ella, com o que devéras nos congratulamos.

Tambem concluiu o curso da Escola Medica do Porto o nosso particular amigo, sr. João Graça, de Sôsa.

A ambos enviamos os nossos sinceros parabens.

— Realisou se ante-hontem, em Ouca, a festividade da Senhora das Neves. Assistiu a ella a philarmonica de Vagos, composta de mancebos a quem gira nas veias o acrisolado sangue progressista, e apesar d'alli se achar o decantado chefe n.º 2, que deu uma especial organisação a esta philarmonica, e que diz em toda a parte pertencer-lhe, no entanto foi ella tocar as mais variadas peças á porta d'um dos mais importantes progressistas da terra. E isto na presença do José das Desgraças! Foi um desastre lamentavel para o infeliz José das Cabras!

— Em breve nos occuparemos de assumptos importantes que dizem respeito á chefia do aporcalhado partido regenerador d'este concelho, cujos chefes já todos anceiam passar para os arraiaes contrarios, onde não serão admittidos nem sequer na posição de soldados rasos, salvo se este partido perdesse a honra e a dignidade que tem conquistado nas luctas do civismo e da honradez.

— Acaba de chegar aqui o nosso illustre conterraneo, sr. Antonio Maria Mendes Corrêa, illustrado clinico e vereador da camara do Porto. S. ex.ª vem, como costuma, estar aqui o mez corrente. Acompanha-o sua virtuosa esposa.

Tambem aqui está seu honrado irmão o sr. João Esteves Mendes Corrêa, muito digno escrivão da Relação do Porto, e com demora d'algum tempo.

Y.

CARTA DE MURTEDE

2 de agosto de 1893.

Tristes consequencias das caturrices d'um commendador

Poucos mezes são ainda decorridos depois que alguns imprudentes d'este lugar ventilaram um asqueroso conflicto para ardilosamente, cynicamente, indisporem o seu venerando parocho com a restante freguezia.

Registemos succintamente os factos. No anno em que o revd.º Manuel Nora tomou posse d'esta parochialidade (1880) encontrou por habito tomar o vigario á sua conta a festa do orago S. Martinho, de portas a dentro d'egreja. E como visse que a referida solemnidade se encontrava um pouco decahida tratou de a guindar á altura de poder incontestavelmente equiparar-se ás primeiras da Bairrada.

Passaram nove annos; e em 1889 negou-se uma grande parte dos mordomos. Como um tão vil procedimento fosse exclusivamente devido a depravadas suggestões politicas que uns certos cavalheiros, com ares de *fidalgos czares*, queriam petulantemente salientar, o revd.º parocho, com a franqueza que lhe é peculiar, disse a uma das missas conventuaes: — «Está proxima a nossa festa de S. Martinho que desejo continue a effectuar-se com o costumado explendor. Consta-me que alguns dos srs. mordomos tencionam negar-se. Eu que voluntariamente hombreio com quasi todas as despezas não posso admittir a desconsideração de que os meus freguezes deixem de acompanhar-me com o seu exiguo auxilio. Ou servimos todos, ou, a negarem-se alguns, eu prescindo dos restantes e faço só a festividade; mas sob a condição de não mais contarem para ella com o meu concurso.»

Nada mais franco, claro, frizante. Bastou que cinco mordomos se recusassem para o revd.º sr. Nora cumprir fielmente a sua palavra fazendo unicamente á sua custa uma festa como não ha memoria n'estes sitios.

Decorreram 3 annos e tudo muito bem. Porem nos principios d'outubro ultima dois homens d'Enxofães, freguezia de Murtede, vieram combinar a festa da Senhora do Terço, que alli por tal occasião se costuma tambem realisar. Como dois annos havia já que se não fazia a de S. Martinho, o rev.º parocho destinou aquella para o dia 13 de novembro.

Passam apenas 10 dias e eis quando o sr. Constantino Ferreira Machado, *meritissimo* e *inegavelmente sapientissimo* commendador da Ordem de Christo, endereça uma epistola ao seu *amantissimo* vigario (que então se achava veraneando na praia de Mira) nos seguintes termos:

«E' conveniente fazer-se a solemnidade de S. Martinho. Eu encarrego-me de todas as despezas externas. Poderão ficar a cargo de v. as internas, como é de costume? Na negativa da licença que eu então tome á minha conta toda a festa?»

Até aqui muitissimo bem. Ninguem deverá de encontrar no auctor d'estas palavras (caso um illustre advogado de Casal-Comba não conteste a sua paternidade...) uma generosidade incomparavel trazida a lume por um benemerito da sociedade.

A tal missiva respondeu o supracitado vigario nos seguintes termos:

«Louvo muitissimo o nobre proce-

OS ACONTECIMENTOS DE MARÇO

NA CAPITAL

CONSIDERADOS NAS SUAS CAUSAS E EFFEITOS

MEMORIA

DEDICADA AOS AMIGOS

DA

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

LISBOA
Typ. de M. S. M.
1838

---

ruas, e praças de Lisboa uma campal, e sanguinolenta batalha. Era noite escura e ainda o canhão fatal e o rouco som da fusilaria annunciava aos habitantes de Lisboa que centos de cidadãos estavam perdendo a vida para salvar as pastas de dois ministros perfidos, immoraes, e ambiciosos. Mas os golpes de estado não vencem a penna dos homens livres, debalde tem conspirado tudo para escurecer a verdade, tem-se querido a todo o custo salvar uma notabilidade d'este insano desvario, tudo é baldado hoje, e nos governos livres não ha misterios, tudo se sabe e assim é necessario.

Os acontecimentos são gravissimos é mister que a nação conheça as suas causas, e os seus effeitos para avaliar os funccionarios publicos responsaveis por elles.

A revolução de setembro foi mais governativa do que politica, queremos dizer, foi antes feita contra um máu governo, do que contra o codigo politico. As suas causas foram o máu governo, o seu fim foi a mudança do sistema governativo. A carta não tinha em verdade uma origem legitima por não ter emanado da reprasentação nacional unica fonte verdadeira de toda a authoridade publica, mas tinha sido acceita, e jurada pelo povo, e então o vicio da sua origem teria desapparecido pela subsequencia da acceitação popular. Por outro lado os estatutos da carta se não eram dos mais liberaes, tambem não eram dos mais escassos, e pode-se dizer sem erro sensivel que com aquelle codigo um governo bom teria feito a felicidade do paiz; por que sob qualquer fórma politica de governo; um bom governo póde passageiramente fazer um povo feliz, e debaixo do ponto de vista da prosperidade publica a maior perfeição nos codigos politicos é sómente necessaria como meio de corrigir com promptidam e energia os abusos do governo máu, e de assegurar a permanencia e a perpetuidade de um governo bom como condição permanente, e ordinaria em vez da um accidente casual, e feliz. Mas á sombra da carta, e com a carta na mão um partido sem nenhumas virtudes civicas, protegido pelo palacio, pôz o paiz em peior estado do que estava nos tempos da monarchia absoluta.

---

rua do Loureiro em frente da porta do castello, e como visse interrompida a marcha mandou fazer alto aos artilheiros, e foi fazer unir o resto, cuja demora provinha de não poderem os soldados de infanteria saltar com tanta facilidade para a esplanada; tratou por tanto de dar-lhe a mão ajudado por alguns officiaes, até que a final ficou só por irem estes tomando successivamente o seu lugar, e como quizesse fazer unir com brevidade os poucos que ainda faltavam, porque toda a demora n'uma operação d'estas se tornava prejudicial, correu logo n'essa occasião o maior risco de vida. Tornou a pôr a força em marcha vegiando sempre para que fossem o mais unidos possivel, porém essa condição era já dificil de conseguir de parte da infanteria, e tanto assim que quando os artilheiros (com quem o governador teria rompido, senão tivesse por uma immoralidade repugnante o abandonar a infanteria) penetrando nos postos avançados dos rebeldes deram lugar a que o seu fogo se cruzasse de todos os lados: parte da infanteria perdeu absolutamente essa pouca ordem que se tinha podido conseguir d'ella, a ponto de que achando-se involvido e sem poder romper para a frente desceu sobre o lado da villa, e encoberto no escuro da noite, vendo arder as escorvas das sentinellas inimigas, que faziam um activo fogo sobre a força, atravessou por entre ellas, e entrando n'uma casa desabitada (das que o estavam por se acharem debaixo do alcance de artilheria do castello) pôde na noite seguinte, a muito custo e risco de vida, ir refugiar-se em casa do consul inglez, onde successivamente encontram asilo os officiaes que escapáram. No noite do dia 8 foi o governador para bordo do vapor de S. M. Britanica — Jackale — assim como na immediata o foram os mais officiaes, sendo superior a toda a expressão o bom recebimento que deu a todos o digno consul, e o capitão e mais officiaes da guarnição do vapor. Assim terminou a defeza do castello da barra de Vianna, cuja guarnição, digna de melhor sorte, teve de abandonal-o depois de reduzida á fome e á miseria, e ter soffrido com a maior resignação privações de toda a especie a que foi condemnada.

No dia 11 de maio deixou o vapor o Rio Lima estando dimento de v. ex.ª, e para levar a cabo a sua tão benefica como magestatica resolução, poderá desde já contar com todos os serviços que estiverem ao alcance da minha humilima personalidade. Agora emquanto a ser eu o festeiro, continúo sustentando as minhas affirmativas que tornei publicas em o anno de 1889, e ás quaes v. ex.ª não é alheio.»

Ora foi, pois, aqui que se começou a lobrigar a baixissima ironia das palavras do *illustradissimo* commendador. Tão decisiva resposta foi como uma faisca electrica que fulminando-lhe o coração fez-lhe arrancar a mascara e desapparecer todos os coloridos e tramoias com que tencionava brindar o seu respeitavel pastor.

Em tão criticas circumstancias começou a promover uma traiçoeira revolução compremettendo o parocho com os festeiros da Senhora do Terço, dizendo-lhes que *havia d'obrigar o vigario a mudar a festa* e outras cousas mais... que nada merecem além do desprezo.

Cahidos por terra todos os ardilosos projectos do sr. Machado, alguns dos seus apaniguados, julgando que n'isso offendiam a nobre conducta do sr. Nora, trataram de fretar um gaiteiro, escolhendo a hora da missa conventual do dia 13 de novembro a fim de provocarem mais directamente o seu antagonista. Infeliz lembrança!... No adro um barulho infernal. As cabeças alarmadas com os vapores do carrascão, o rapazio adredemente convidado, munido de latas e pifanos etc., e o *Zé Pereira* no meio de toda esta *droga* a executar bellos tercetos de bombo, caixa e gaita de folle davam áquelle recinto um lugubre aspecto de hospital de Rilhafolles, onde cada um dos habitantes procura alcançar a primazia nos disparates.

Foi n'esta occasião que o revd.º parocho teve de interromper o augusto sacrificio da missa pedindo se calassem;—ao que dois laponios com a voz ainda deteriorada pela borracheira responderam:—«*Póde tocar. Somos nós quem lhe pagamos.*»

Ingratos! E' assim que recompensaes a estima de que o vosso pastor vos é credor! Para o mal, para a maroteira ha sempre dinheiro; mas para o bem, para o fructifero caminho da civilisação andaes sempre a chorar miserias, chegando muitas vezes a sacrificar... Será melhor não recordarmos factos que, longe de vos exaltarem, vos conculcam impudentemente.

Eis os acontecimentos na sua mais pura, franca e extensiva significação da verdade. Os leitores que commentem e digam de que lado está a justiça.

*

E essa justiça não se fez esperada. Taes façanhas acabam de condignamente ser premiadas. No sabbado ultimo (29 de julho) procedeu-se no tribunal de Cantanhede a uma policia correcional ficando condemnados Antonio Carneiro com um mez de cadeia, custas e sellos do processo; e o gaiteiro com apenas tres dias remiveis.

Saboreiam agora o petisco e a licção, que lhes prestem. Assim o quizeram assim o tenham.

P.º Moysés Nora.

CARTA DE LISBOA

4 DE AGOSTO DE 1893.

A politica continua no mesmo estado. O marasmo é completo. Continua a fallar-se em crise visto a opposição que o commercio de todo o paiz faz ás medidas tributarias, mas ninguem crê que se chegue proximamente a esse extremo. O facto ha-de dar-se, a crise ha-de vir, mas não será já.

— Successo notavel foi decerto o assassinato do pobre Gonçalves da Silva, que era apenas um rico excentrico. Não convivia com a familia, não conhecia nenhum dos sobrinhos, vivia apenas com o Lobo que era o seu *fachotum*, morrendo ás mãos d'este, o que tem muita similhança com o que succedeu ao infeliz padre Maio, reitor de Fermelã, pois que tambem foi victima nas mãos do seu *confidente* e agente politico, o celebre Serrano.

A confissão do assassino é plenissima: diz tudo. Quando *voltou á vida*, porque estava borracho quando o prenderam e assim se conservou por muito tempo na prisão, disse como as cousas se passaram, pretendendo fazer crêr que a uma desattenção do infeliz se deve a sua morte, pois que elle, depois d'examinar um projecto d'obra que lhe apresentára lhe dissera: «que todos o queriam roubar, sendo por isso que o matou com uma machada que estava proxima.» E' um perfeito cynico, pois que até se ri quando narra o modo por que as cousas se passaram. O facto continua a prender a attenção publica e muita gente deseja vêr o monstro que tão grande delicto commetteu.

Das declarações do assassino deprehende-se que o movel do crime fôra o ciume, pois que o morto *estimava* agora muito um tal Silveira, rapaz que o carpinteiro tambem *estimava*. Torpeza sobre torpeza da parte do assassino, que a final é um alcoolico e um preverso. Além d'assassino calumniador da pobre victima.

A sr.ª viscondessa do Arneiro, irmã do assassinado, é parte no processo criminal contra o assassino.

— Appareceu finalmente em juizo a contestação á acção de nacionalidade do sr. conde de Burnay. Foi o sr. dr. Daniel dos Santos quem a apresentou em nome da redacção das *Novidades*. Viu-se já, algures, uma demonstração de baixos odios mais pronunciada? E' caso para repetir que d'isto só é capaz um jornal que se publica em Lisboa na era do Senhor de 1893.

— A direcção da Associação Commercial procurou ante-hontem o sr. presidente do conselho de ministros, como estava annunciado de vespera, para lhe apresentar a representação contra as leis tributarias a que me tenho referido. O sr. Hintze Ribeiro respondeu á direcção que não podia modificar as leis votadas no parlamento, nem suspendel-as. Esta resposta, como é de crer, não agradou aos enviados da Associação Commercial, os quaes reuniram immediatamente, ficando resolvido por parte da direcção, que continuassem os trabalhos de resistencia.

— Nota-se aqui desagradavelmente para o governo, que não tenha sido demittido ainda o celebre administrador substituto d'Oliveira d'Azemeis, o homem sobre quem pezam tão graves responsabilidades criminaes. Conservar na posição d'um emprego de confiança um homem com carta suja, com duas pronuncias passadas em julgado, é muito para lamentar e muito para sentir. Se as camaras estivessem abertas, é de fé para toda a gente, que olha com seriedade para estes factos, que o sr. ministro do reino teria procedido já por forma tendente a desaggravar a moralidade tão cruelmente tratada n'este caso. Isto não póde ser. Assim não se prendem respeitos, não se corrigem desmandos, não se exemplifica emfim. Fazendo justiça á rectidão do ministro, ainda me parece que a sociedade offendida com a persistencia no poder de um funccionario condemnado, terá breve um condigno desaggravo.

— O *Correio da Tarde* de hontem publica na sua integra o discurso do illustre chefe do partido progressista proferido na sessão de 29 de julho. O *Correio da Noute* publica os principaes trechos d'elle.

— O sr. Pinheiro Chagas acceitou emfim o logar de presidente da junta do credito publico. Foi propriamente o sr. presidente do conselho quem lhe foi offerecer o cargo na sua residencia de Linda a Pastora, aonde o illustre escriptor ainda se acha.

— Os directores das obras publicas dos differentes districtos do continente foram chamados a Lisboa para assistirem á distribuição de fundos. Para conservação de estradas foi votada uma verba que se suppõe insufficiente, pois que estas estão por toda a parte n'um estado lamentavel.

O *Diario Popular* trata hoje a questão na sua verdadeira altura. Parece que se projecta acabar de todo com a viação publica, pois que não se reparando as estradas, ellas tornam-se dentro de pouco completamente intransitaveis.

— Nem o sr. Veiga Beirão nem o sr. Augusto José da Cunha, progressistas, querem fazer parte da commissão do *bill:* ambos se recusam a isso e crê-se que mais alguns membros do grande partido seguirão o seu exemplo.

— O digno par sr. Manuel Vaz Preto Geraldes, vae no dia 6 para a Graciosa, onde conta passar alguns dias com o sr. marquez, seu primo e seu verdadeiro amigo.

— O sr. visconde de Melicio devia ter sahido do Rio de Janeiro em direcção a Lisboa. A sua demora alli foi curta, como se vê.

— Partiu hoje para Ferreira do Alemtejo, em serviço de advogado, o sr. dr. Barbosa de Magalhães.

— O sr. conde de Burnay apresenta-se de novo como candidato a deputado pelo circulo de Thomar. S. ex.ª partiu hontem para alli.

— Diz um jornal d'aqui, que se tem feito muito barulho em volta do nome do philantropico lavrador sr. José Maria dos Santos, que n'um rasgo de generosidade, offerece trabalho nas suas propriedades a todos os operarios na disponibilidade. Ora, é de saber, que o sr. José Maria dos Santos manda descontar a cada um dos operarios seus protegidos, de duzentos a duzentos e quarenta réis por dia, para rancho. Isto diziam os operarios que já estiveram no Poceirão.

— O supremo tribunal administrativo não funccionou na quarta-feira proxima por falta de numero, pois que alguns de seus membros estão fóra de Lisboa. D'este tribunal estão na imprensa nacional cerca de 300 accordãos para publicar. Como correm as cousas publicas n'este paiz!

— O governo acaba de obter do governo da Russia uma concessão importante. E' a applicação da pauta minima aos generos portuguezes que o grande imperio nos consome.

— Ao logar de fiel do correio do Porto concorrem muitos pretendentes. E' logar proximo a prover-se. O exame dos concorrentes verificou-se hontem.

— A Mizericordia vae effectuar uma loteria extraordinaria, cujo premio maior será de 20:000$000. O sorteio d'ella terá logar no proximo mez de setembro.

— A companhia de Assucar de Moçambique vae enviar, antes do fim do anno, para Lisboa, uma importante remessa de assucar, produzido na fabrica que está em exploração na Zambezia.

— No *Diario do Governo* de hoje vem a demisssão do sr. José de Freitas Costa de recebedor de Guimarães, e a transferencia para a mesma comarca do recebedor de Portel, sr. Queiroz Monteiro. Para esta ultima comarca foi transferido o recebedor das Caldas da Rainha sr. Godinho S. e Mello.

— Foi auctorisada a nomeação de um trabalhador idoneo, com a gratificação de 300 réis diarios, para auxiliar a distribuição da correspondencia em Espinho durante a epoca balnear.

— Acaba de fallecer no instituto bacteorologico um pequeno mordido por cão damnado. Era natural d'Estarreja, d'onde tinha ido para o instituto. Tinha apenas 11 annos de edade, e tinha sido mordido ha dois mezes.

— O tribunal de verificação de poderes pediu uma prorogação de mais 15 dias para o julgamento da eleição do sr. Manuel Vieira de Andrade, como deputado pelo circulo de Villa do Conde. O sr. Veiga Beirão é o advogado que tem d'accusar a nullidade da eleição perante o tribunal. A eleição terá de ser annullada. Y.

ANNUNCIOS

EDITAL

Manuel Gonçalves de Figueiredo, reitor do lyceu e Commissario da instrucção primaria no districto de Aveiro

FAÇO saber que no dia 8 do corrente hão-de ter logar, no lyceu d'esta cidade, pelas 9 horas da manhã, os exames de habilitação para o magisterio.

Aveiro, 3 de agosto de 1893.

Manuel Gonçalves de Figueiredo.

CÁL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia.

Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

CAIXEIRO

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

CONCURSO

A Camara Municipal d'este concelho d'Oliveira d'Azemeis, abre concurso por espaço de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação no *Diario do Governo*, e n'um dos jornaes do districto, e n'um dos d'esta villa, para o provimento do 2.º partido medico com séde n'esta villa, com o ordenado annual de 200$000 réis.

Dentro d'este praso deverão os pretendentes apresentar os seus requerimentos, devidamente documentados, n'esta secretaria, em todos os dias uteis desde as nove horas da manhã ás tres da tarde.

Oliveira d'Azemeis, 1 d'agosto de 1893. E eu Agostinho Nunes da Silva, secretario o subscrevi.

O Presidente,

José Lopes Godinho de Figueiredo.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.^mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

SAL

José Antonio Pereira da Cruz fornece sal fino das suas salinas, sitas na ria de Aveiro; a 13$000 réis cada wagon de 10:000 kilogrammas, posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade, pago á vista. Tambem vende na eira da marinha a 16$000 cada barco.

Rua de José Estevam n.º 87, | Aveiro.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.º—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.º numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

O ADVOGADO

BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

PADARIA MILITAR

DE

LISBOA

O CONSELHO gerente da dita padaria faz publico, que recebe na sua secretaria, até ás 12 horas da manhã do dia 18 de agosto do corrente anno, propostas em carta fechada para o fornecimento de 66:250 pannos de palha de trigo e 10:030 pannos de feno, de 60 kilogrammas cada um, para consumo dos solipedes fornecidos pelas succursaes, estabelecimentos militares e forças de que se faz menção no mappa abaixo transcripto, no qual tambem se designa o numero de pannos que se pretende arrematar em cada localidade, procedendo-se no dia e hora supra á abertura das propostas, afim de fazer a adjudicação.

As condições estão patentes na secretaria do conselho gerente e na séde das referidas forças, succursaes e estabelecimentos militares.

Generos	*N.º de pannos*	*Onde devem ser postos*
Palha de trigo	11:780	No deposito da succursal da padaria, no Porto.
	6:210	» » » » » em Elvas.
	1:020	» » » » » em Vizeu.
	1:320	» » » » » em Tancos.
	1:480	No deposito da escola pratica de artilheria, em Vendas Novas.
	1:960	No deposito da escola pratica de cavallaria, em Villa Viçosa.
	320	No deposito da escola pratica de infanteria, em Mafra.
	2:850	No deposito do regimento de artilheria n.º 2, em Torres Novas.
	10:660	No deposito do regimento de artilheria n.º 3, em Santarem.
	1:380	No deposito da brigada de artilheria de montanha em Vianna do Castello.
	3:310	No deposito das baterias de artilheria destacadas em Amarante.
	6:760	No deposito do regimento de cavallaria n.º 3, em Estremoz.
	4:220	No deposito do regimento de cavallaria n.º 5, em Evora.
	5:680	No deposito do regimento de cavallaria n.º 8, em Castello Branco.
	3:700	No deposito do regimento de cavallaria n.º 9, em Alcobaça.
Feno	3:600	No deposito do regimento de cavallaria n.º 10, em Aveiro.
	5:330	No deposito do regimento de cavallaria n.º 6, em Chaves.
	4:700	No deposito do regimento de cavallaria n.º 7, em Bragança.

Lisboa, 28 de julho de 1893.

O secretario,

(a) **Pedro Eusebio d'Oliveira.**

Aspirante da administração militar.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas de pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LOTERIAS

ESTA casa, uma das principaes no seu genero, tem para todas as loterias um grande sortimento de bilhetes e cautellas, sendo os preços muito mais baratos que em qualquer outro cambista.

PREÇOS

Bilhete, 5$000 réis; meios bilhetes a 2$500 réis; quintos a 1$000 réis; decimos a 500 réis; cautellas de 260, 130 e 60 réis.

Todos os pedidos dirigidos a esta casa são satisfeitos com a maxima promptidão. Basta addicionar ao valor do pedido, o porte do correio.

Os premios vendidos n'esta casa são pagos á vista e sem desconto algum.

CAMBIO

Compra e vende pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez, moedas estrangeiras de ouro e prata, notas dos Bancos de todos os paizes da Europa, America do Norte e Brazil, etc., etc.

Dirigir ao cambista

JOSÉ R. TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.^mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

POS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLULAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos,* são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que têem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor **Thomas Keating** e embrulhadas em papel verde. **Agencia e venda só por grosso em Portugal, Rua dos Fanqueiros, 114-1.º andar—LISBOA.** Deposito na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmaciase drogarias do reino.

PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

---

perdido sobre a barra, onde o Piloto traiçoeiramente (parece) o deixou, tendo um grande cabo enrolado a uma das rodas, que não podia deixar de ser disposto convenientemente quando começou o movimento; mas honra e louvores á marinha ingleza?! os valentes officiaes da guarnição do vapor se atiraram ao mar, e a golpe da machadinha, mal podendo já soffrer a força e impressão da agua, n'um momento picaram o cabo, o vapor começou a trabalhar, e livre da perigosa barra seguiu viagem para o Porto. No dia 14 foram todos os officiaes e um 1.º sargento transferidos para bordo do vapor de guerra inglez—Polyphemus—e n'elle seguiram viagem para a capital a 17 do mez. No dia 19 foi o governador e todos os officiaes beijarem a mão a S. M. a Rainha, e a el-rei commandante em chefe do exercito, de quem foram recebidos com aquelle Real Agrado, que tão distinctamente caracterisam suas augustas pessoas, sendo opresentados a Suas Magestades pelo ex.^mo Barão de Sarmento, ajudante general de el-rei. O governador tomou em seguida a palavra e dirigindo-se a S. M. El-Rei, commandante em chefe do exercito, cheio de respeito e magoado extremamente por ter de avivar chagas que ainda vertiam sangue—disse—Senhor—Perdoe V. M. não apresentar n'este momento a V. M., como commandante em chefe do exercito, o relatorio da defeza do castello que me foi confiado, e que infelizmente, a pesar de todos os esforços e valor de tão bons soldados, tive de abandonar na noite fatal de 6 do corrente; pois que julgando ser a ultima da minha vida nenhum esclarecimento deixei de mandar inutilisar. Honro-me porém de depositar nas mãos de V. M., para que possa ser presente a S. M. a Rainha, a minha adorada Soberana, a bandeira e chave da porta exterior do castello (que os rebeldes tiveram de abrir a golpes de machado) como prova da minha fidelidade. Digne-se V. M. haver por bem aceitar por mim e por todos os meus officiaes, novos protextos de amor e fidelidade, e ter por certo, que estamos promptos a derramar a ultima gota de sangue em defeza de S. M. a Rainha e de V. M.

S. M. El-Rei—Dignou-se haver por bem acolher benignamente a curta exposição do governador, e por tal forma, e com tamanha bondade se servio expressar o alto apreço em que tinha, assim como S. M. a Rainha, os serviços do castello, que o governador e todos os officiaes confundidos de admiração pelas expressões de S. M., quando não tivessem já recebido as mais evidentes provas de consideração, julgavam bem recompensados os seus serviços n'aquello momento.

Conquista de Buonaparte, preza da tirannia de Miguel, theatro de grandes convulsões politicas depois de 1820, não tinha a formosa, e polida Lisboa, desde os tempos modernos até hoje, apresentado ao mundo o espectaculo insolito, e horrendo, que destinos mais negros de todos por quantos tem passado lhe prepararam no infausto dia 13 de março de 1838 sob o ferrenho poder dos conselheiros da corôa Julio Gomes da Silva Sanches, Barão de Bomfim, e Visconde de Sá da Bandeira. Parece que os dois primeiros despedidos de serviço da Rainha no dia 9 já não eram senão ministros de morte para enlutarem o seu paiz no dia 13.

Os valentes batalhões que n'um só dia por um movimento magestoso tinham acabado um sistema de governo contra o qual tinham sido impotentes por muitos annos a urna eleitoral, a opposição parlamentar, e a imprensa periodica; que proclamando a revolução de setembro tinham rivalidado o protesto de uma representação nacional legitima até alli sem effeito; que nos dias de novembro deffenderam uma Constituição nacional contra a desidencia da authoridade, e a influencia combinada dos estrangeiros, que tinham repellido em julho a aggressão dos dois melhores capitães do exercito quando haviam deixado a poz de si muito alem na retaguarda o general que devia combatellos, que finalmente tinham sido, eram ainda, e cumpria que fossem o fiador mais abonado das consequencias favoraveis da revolução de setembro, esses batalhões que tanto tinham merecido da Patria foram no dia 13 de março accommettidos nos seus quarteis por soldados mercenarios, grande numero dos quaes largou o pendor do usurpador em Evora-Monte, foram enxovalhados, aqui e alem por traição desarmados, a final dispensados do serviço e em remate anniquilada a sua influencia. O formoso batalhão do Arsanal foi dissolvido, o seu chefe demittido, e peleijou-se nas